

PSICOLOGIA SOCIAL



**AS RAÍZES DA
PSICOLOGIA SOCIAL
MODERNA**

ROBERT M. FARR

7ª EDIÇÃO

 EDITORA
VOZES

do Reino Unido (Licença de pesquisa R000234766 sobre "O individualismo em períodos de rápida mudança política e social"). Também desejo agradecer o apoio proporcionado ao longo destes anos pelo Laboratório de Psicologia Social da Maison des Sciences de l'Homme de Paris, e pelo Werner Reiner Stiftung, de Bad Hamburg, Alemanha. Muitas das idéias expostas aqui começaram a tomar forma em uma ou outra destas instituições idôneas.

O autor e os editores agradecem pela permissão para reprodução de material com reserva de direitos autorais. A figura 2.1 foi tirada de *Uma história da psicologia experimental*, do arquivo pessoal de E.G. Boring, 2. ed. (Nova Iorque, Apple-Century-Crofts, 1950). As figuras 2.2 e 8.1 foram reproduzidas dos arquivos Wundt-Nachlass da Universidade de Leipzig. A figura 4.1 aparece na obra de D.L. Miller *George Hergert Mead: o self, a linguagem e o mundo* (Austin, Texas; University of Texas Press, 1973). A figura 5.1 foi tirada do *Manual de psicologia social* (1935) de C.A. Murchison (ed.) e reproduzida aqui com a permissão da Clark University Press.

A figura 8.2 apareceu em *O teórico prático: a vida e a obra de Kurt Lewin*, de A.J. Marrow (Nova Iorque, Basic Books, 1969). A figura 6.3 foi reproduzida com a permissão de Lawrence Erlbaum Associates e vem de *O legado de Solomon Asch: ensaios sobre cognição e psicologia social*, de P. Rock (ed.). A figura 7.1 foi reproduzida de *Natureza humana e comportamento coletivo: artigos em homenagem a Herbert Blumer*, de T. Shibusani (ed.) (Englewood Cliffs, NJ; Prentice-Hall, 1970). A figura 8.2, retrato de Emile Durkheim foi reproduzida por cortesia da Bibliothèque Nationale.

A figura 10.1 foi publicada originalmente no *Manual de psicologia social* de G. Lindzey e E. Aronson (ed.), 3. ed., v. 1, p. 48 (Nova Iorque, Random House, 1985) e foi reproduzida com a permissão da McGraw-Hill Companies. O capítulo 10 apareceu originalmente com o título de "O Longo Passado e a Breve História da Psicologia Social" no *European Journal of Social Psychology*, v. 21/5, 1991, p. 371-80, e foi reimpresso com a permissão de John Wiley and Sons Ltd. Os editores apresentam suas desculpas por quaisquer erros ou omissões na lista acima e agradecem qualquer comunicação sobre correções que devam ser incorporadas à próxima edição ou reimpressão deste livro.

1. PSICOLOGIA SOCIAL MODERNA: UM FENÔMENO CARACTERISTICAMENTE AMERICANO

A flor e suas raízes

"Embora as raízes da psicologia social possam ser encontradas no solo intelectual de toda a tradição ocidental, seu atual florescimento é reconhecido como sendo um fenômeno caracteristicamente americano." É desse modo que Gordon Allport (1954, p. 3-4) apresentou a disciplina para uma nova geração de estudantes de pós-graduação na América no início do que eu chamo, aqui, a era moderna na psicologia social. Essa era teve início no fim da segunda guerra mundial.

Colaboração interdisciplinar durante a guerra

A segunda guerra mundial propiciou um tipo de impulso ao desenvolvimento da psicologia social semelhante ao que a primeira guerra mundial tinha propiciado para os testes psicométricos. Os cientistas sociais colaboraram para realizar levantamentos sociais sobre a adequação de soldados à vida no exército (Stouffer, Suchman et alii, 1949), e sua participação em combate e sobre as conseqüências que daí advieram (Stouffer, Lumsdaine et alii, 1949); na avaliação da eficácia das diferentes maneiras de instruir o pessoal militar (Hovland et alii, 1949); e na solução de problemas técnicos relacionados à mensuração das atitudes e à predição do comportamento (Stouffer et alii, 1950). Esses foram os assuntos da série de volumes do *The American Soldier* publicado, depois da guerra, sob a editoração geral do sociólogo Stouffer.

Esse programa de pesquisa colaborativa desenvolvido durante a guerra foi importante por uma série de razões. Será suficiente, aqui, mencionar apenas duas. Ele propiciou um modelo para o desenvolvimento de programas de doutorado interdisciplinares em psicologia social no período após a guerra. Esses eram, em geral, programas conjuntos entre psicologia e sociologia, embora

às vezes também incluíssem antropologia. Programas interdisciplinares foram estabelecidos em Harvard, Yale e Michigan. Num estágio ulterior, um programa interdisciplinar em psicologia foi estabelecido em Columbia. Nenhum desses programas conjuntos existe hoje. Todos eles, ao longo do tempo, foram desdobrados de acordo com as linhas das disciplinas (Jackson, 1988; Collier et alii, 1991). Isso é por si mesmo muito revelador com respeito ao desenvolvimento da psicologia social na era moderna. A razão de isso ter ocorrido pode ser melhor compreendida em termos dos desenvolvimentos que começaram no período entre as duas guerras mundiais. Esse é um tema que é discutido e desenvolvido no capítulo 6, sobre a individualização da psicologia social na América, e no capítulo 7, sobre as formas sociológicas e psicológicas de psicologia social.

A outra razão da importância da série de volumes do *The American Soldier* é que alguns grupos de pesquisadores do tempo da guerra continuaram colaborando muito além do fim da guerra. O mais importante desses grupos foi o que estava sob a direção de Hovland (editor do volume 3 da série *The American Soldier*) que formou o núcleo do programa de pesquisa após a guerra em Yale sobre comunicação e mudança de atitude. Isso resultou numa série posterior de volumes que são importantes na história da psicologia social experimental na América na era moderna. Essa colaboração após a guerra estava interessada no estudo experimental da comunicação de massa. A continuidade entre esse programa de pesquisa e o após a guerra em Yale consistiu num modelo comum de meios massivos de comunicação e dos efeitos desses meios, juntamente com a adoção do experimento como a estratégia preferida de pesquisa. Do mesmo modo, um alto grau de controle torna-se possível tanto sobre a forma como sobre o conteúdo, tanto da comunicação durante o tempo da guerra como no contexto de laboratório. Os outros volumes da série, os editados por Stouffer, estavam relacionados com levantamentos sociais e mensuração das atitudes.

A geração de estudantes de pós-graduação em psicologia social após a guerra

Em psicologia social, como em numerosas outras disciplinas acadêmicas, a geração de estudantes de pós-graduação imediatamente após a guerra foi particularmente talentosa. Isso foi especialmente verdadeiro no que se refere ao grupo de estudantes

de doutorado que Lewin atraiu para o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) onde ele fundou, em 1945, o Centro de Pesquisa para Dinâmica de Grupo. Muito já se escreveu sobre este grupo específico de estudantes de pós-graduação em psicologia social, tanto por outros que os entrevistaram (p. ex. Patnoe, 1988), ou por eles mesmos, como retrospectão (Festinger, 1980). Ajudaram a estabelecer a psicologia social, no curso da era moderna, como um fenômeno distintamente americano. Seu papel foi vital no desenvolvimento de uma psicologia social cognitiva. Eles refletiram, na América, a influência da psicologia da Gestalt. As raízes foram européias, embora a flor fosse caracteristicamente americana.

A geração mais antiga de acadêmicos na Europa e na América, que agora já se aposentaram da vida universitária, recordam, muitas vezes com nostalgia, o grupo de estudantes (tanto de graduação, como de pós-graduação) que se inscreveram nas universidades logo após o fim da guerra. Eram estudantes maduros, e muitas vezes pouco os separava, em termos de idade e talento, dos professores que os ensinavam. Frequentemente, especialmente na América, eles tinham interrompido seus estudos e suas carreiras universitárias durante a guerra. A interrupção foi menos séria na América do que na Europa, onde as conseqüências da guerra foram muito mais devastadoras. Nas ciências sociais, de maneira mais geral, esta geração de estudantes após a guerra foi importante. Dahrendorf (1995) identifica este período como um dos grandes períodos na história da London School of Economics and Political Science.

Possuímos um interessante exemplo dessa geração específica de estudante de engenharia no MIT. Ele é fornecido por Festinger et alii (1950) em seu clássico estudo *Social Pressures in Informal Groups: a study of human factors in housing*. Temos aqui os cientistas sociais do MIT estudando os engenheiros. Eles mostram como as redes informais de amigos, num local de residência, se desenvolve como uma função da planta física da residência. São cuidadosos, porém, em mostrar que seus achados podem ser específicos dessa geração particular de estudantes maduros. Eles eram, na sua maioria, ex-soldados da infantaria com famílias jovens, todos eles estudando engenharia. Devido a tal alto grau de homogeneidade em termos de valores comuns e devido a sua recente experiência compartilhada no serviço das forças armadas, não parece tão surpreendente que a proximidade desempenhasse um papel importante em determinar a

formação dos grupos de amizade. No tempo do estudo, Schachter e Back eram eles também estudantes de pós-graduação no MIT, ao passo que Festinger era um jovem professor.

Havia outros centros importantes de pesquisa em psicologia social após a guerra além do MIT, embora esse fosse o mais inovador em termos tanto de sua teoria como de seus métodos de pesquisa. Logo após a morte prematura de Lewin, em 1947, o Centro de Pesquisa para Dinâmica de Grupo, sob a direção de Cartwright, mudou-se do MIT para a Universidade de Michigan, onde se tornou parte do Institute for Social Research. Estava também no Institute for Social Research em Michigan Rensis Likert, que era encarregado de pesquisa. Ele trouxe consigo para Ann Arbor alguns dos pesquisadores que tinham trabalhado com ele durante a guerra em pesquisa. O amplo espectro de métodos de pesquisa efetivamente empregados pelos pesquisadores no Institute for Social Research reflete-se no volume editado por Festinger e Katz (1953), *Research Methods in the Behavioral Sciences*. O Instituto atraiu para Ann Arbor muitos cientistas sociais famosos. Eles foram atraídos pelas perspectivas de ter, ao mesmo tempo, uma cadeira de ciências sociais na Universidade e a direção de pesquisa dentro do Instituto.

O programa de pesquisa em comunicação e mudança de atitude do pós-guerra de Yale, sob a direção de Hovland, reuniu um brilhante grupo de pesquisadores, muitos dos quais tinham colaborado previamente no contexto da guerra. Ele também atraiu a Yale um talentoso grupo de estudantes de pós-graduação em psicologia social, muitos dos quais acabaram se tornando líderes em sua área durante a era moderna. Essa nova geração desempenhou um importante papel no estabelecimento da psicologia social como ciência experimental. A psicologia social experimental que eles ajudaram a moldar era, na verdade, um fenômeno caracteristicamente americano.

O programa de pesquisa experimental de Yale era mais ortodoxo que o do MIT. Os pesquisadores de Yale apoiavam-se muito no modelo da análise de variância (ANOVA) em seus estudos experimentais. Suas variáveis independentes mais importantes eram as formas e o conteúdo das mensagens e as fontes de onde pareciam se originar. Hovland e seus colaboradores tentaram transformar a retórica numa ciência exata (Billig, 1987). Eles tentaram estabelecer alguns poucos princípios gerais de

persuasão que seriam universalmente verdadeiros, independentemente do assunto implicado ou do meio empregado para a transmissão da mensagem. Inicialmente, era um programa de pesquisa puramente empírico. O que acontece se mudarmos a credibilidade da fonte da qual provém a mensagem? É mais eficaz apresentar ambos os lados do tópico ou apenas o lado que o comunicador deseja que o público-alvo aceite? Se o primeiro é mais eficaz (de fato o era), a ordem de apresentação de ambos os lados faz alguma diferença? Alguns argumentam que as pessoas são mais influenciadas pelo que ouvem por primeiro sobre determinado assunto (isto é, o efeito de primazia); outros defendem que as pessoas são mais influenciadas pelo que escutaram por último a respeito de um assunto (isto é, o efeito de o seu caráter ser mais recente). A maioria dos dados do programa de Yale favoreceu os efeitos da informação mais recente na persuasão.

Se existia uma orientação teórica ampla no início do programa de estudos de Yale, esta era, evidentemente, a da teoria do comportamento de Hull/Spence. No final do programa, contudo, a orientação teórica principal era a cognitiva. Era fácil, no início, manipular as principais variáveis independentes, pois elas se referiam à forma e ao conteúdo das mensagens nos diversos meios. Foi apenas no volume 3 da série de Yale (Rosenberg et alii, 1960), que foi publicado uns 15 anos após o início do programa após a guerra, que o foco de interesse mudou para a compreensão de como a comunicação era organizada nas mentes das pessoas expostas às várias comunicações experimentalmente construídas. O interesse aqui era pelos modelos de consistência cognitiva na mudança de atitude. A série de estudos de Yale não era, desde o início, cognitiva em sua orientação. Diferentemente do programa rival do MIT (e mais tarde em Michigan), ela não refletiu a influência da psicologia da Gestalt. Tornou-se antes um programa de pesquisa cognitivo, em vez de ter começado como tal.

Muitos dos importantes pesquisadores em psicologia social da era moderna fizeram seus aprendizados em um ou outro desses dois programas. Alguns poucos, como Kelley, conseguiram até fazer um aprendizado em ambos os programas. Os primeiros professores de ambos os programas, e seus grupos de alunos de doutorado imediatamente após a guerra aposentaram-se recentemente ou já estão mortos. Em certo sentido, é o fim de uma era. Isso faz do momento atual um momento oportuno para se avaliar a importância de suas realizações. Esta, contudo, não é minha

intenção neste livro. Aqui não estou interessado no florescimento da psicologia social na América durante a era moderna, mas em suas raízes. Cartwright, um proeminente membro da geração de psicólogos sociais por quem estou interessado, expressou isso desta maneira em sua "Katz-Newcomb Lecture" na Universidade de Michigan: "Toda a história da psicologia social como um campo de pesquisa empírica se estende por um período de aproximadamente 80 anos apenas. E sendo que seu crescimento ocorreu dentro das últimas quatro décadas, ela é fundamentalmente o produto de professores que estão ainda ativos dentro de sua área" (Cartwright, 1979, p. 82). Agora, após uma década e meia, muitos desses professores não estão mais na ativa.

A dimensão européia

Cartwright (1979) não está muito seguro que suas próprias credenciais o constituam um historiador da psicologia social moderna. Na conferência citada, ele se descreve, modestamente, como um observador participante. Como um historiador da psicologia social, leva vantagem tanto sobre Allport (1954), como sobre Jones (1985), em não concordar com uma filosofia positivista da ciência que poderia distorcer sua visão histórica (veja abaixo). Sua contribuição, na verdade, é rudimentar e impressionista como costuma ser a de um observador participante.

Cartwright está profundamente consciente das muitas contingências que moldaram o desenvolvimento histórico da psicologia social na América durante a era moderna. Diferentemente das narrações mais completas apresentadas por Allport (1954) e por Jones (1985), Cartwright (1979), no seu breve esboço, toma em consideração um conjunto bem mais amplo de características que as empregadas tanto por Allport, como por Jones, ao analisarem as influências no desenvolvimento histórico da psicologia social: "Se fôssemos obrigados a nomear uma pessoa que teve o maior impacto nesse campo, essa deveria ser Adolf Hitler" (Cartwright, 1979, p. 84).

Acontecimentos da vida real podem ter uma influência dramática no desenvolvimento histórico das disciplinas acadêmicas. No capítulo 9 discuto o impacto da guerra sobre o desenvolvimento da psicologia social. Isso inclui o efeito da grande guerra de 1914-18, bem como da segunda guerra mundial. Também inclui uma avaliação das conseqüências da recente guerra fria no desen-

volvimento da psicologia social na América. Cartwright (1979), juntamente com Allport, Jones e eu mesmo, acredita que a psicologia social, na era moderna, é caracteristicamente um fenômeno americano. Ele fornece, contudo, uma avaliação melhor que a de Jones (1985), sobre a contribuição européia para o florescimento peculiar da psicologia social na América no período após a guerra:

O surgimento do nazismo na Alemanha, com o intelectualismo e o anti-semitismo pernicioso que o acompanharam, resultou, como todos sabemos muito bem, na migração para a América de muitos líderes acadêmicos, cientistas e artistas da Europa... Mal poderíamos imaginar como seria a situação hoje se pessoas tais como Lewin, Heider, Kohler, Wertheimer, Katona, Lazersfeld e os Brunswiks não tivessem ido aos Estados Unidos no momento em que foram (Cartwright, 1979, p. 85).

De particular importância, como mostro no capítulo 6, foi a migração dos psicólogos da Gestalt da Áustria e da Alemanha para a América. Isso começou já em 1927, mas se acelerou com a subida de Hitler ao poder em 1933, e com a "Anschluss" de 1938. Embora a migração ocorresse antes da segunda guerra mundial, seus efeitos completos não foram percebidos até depois da guerra. Alguns dos acontecimentos centrais dessa migração estão incluídos na lista das datas históricas importantes reproduzidas no Apêndice 1.

Se traçarmos uma distinção nítida entre o longo passado da psicologia social como parte de toda a tradição intelectual ocidental e sua curta história como uma ciência experimental na América, então torna-se fácil perder de vista a importância de um movimento que ocorreu durante os inícios desses dois períodos, cuja conseqüência completa (isto é, a psicologia social cognitiva) não se tornou evidente até um período posterior. Lindzey e Aronson (1985) fazem isso na última edição do *Handbook of Social Psychology*, devotando dois capítulos distintos ao longo passado (Allport, 1985) e à curta história (Jones, 1985) da psicologia social. Tal visão somente pode levar a uma explicação mais etnocêntrica da psicologia social moderna que é claramente apoiada pelos fatos históricos: as raízes são vistas como européias, e as flores como especificamente americanas. A movimentação das pessoas entre as culturas é pelo menos tão significativa como o que acontece dentro de uma cultura. Isso é tão verdadeiro na Europa como na América.

A migração dos psicólogos da Gestalt da Áustria e da Alemanha para a América foi a fonte principal de inspiração para a

psicologia social cognitiva, uma característica extremamente peculiar da psicologia social da era moderna. Suas raízes devem ser buscadas na fenomenologia. Essa era uma forma de filosofia claramente distinta do positivismo que se tinha estabelecido na América na forma de behaviorismo durante o período entre as duas guerras mundiais. Os psicólogos da Gestalt não se tinham defrontado com o behaviorismo até que chegassem ao Novo Mundo. Foi desse conflito entre duas filosofias rivais, mas incompatíveis (isto é, fenomenologia e positivismo), que a psicologia social emergiu na América, na forma específica como se deu, logo no início do período moderno. Mostrarei que a psicologia da Gestalt foi o ingrediente crucial nessa transformação. O conflito ocorreu em solo americano, e também o resultado – uma forte psicologia social cognitiva – foi um produto claramente americano. A psicologia social moderna pode, pois, ser, na verdade, um fenômeno caracteristicamente americano, mas ao menos a fenomenologia era européia.

Psicologia social cognitiva e ciência cognitiva

Os psicólogos sociais na América eram teóricos cognitivistas numa época em que isso não era moda, isto é, no auge do behaviorismo. Isso se deveu principalmente à influência dos psicólogos da Gestalt. A tradição cognitiva dentro da psicologia social americana não era apenas diferente, internacionalmente, no contexto da psicologia social; ela era também diferente, nacionalmente, no contexto da ciência cognitiva. A ciência cognitiva surgiu da colaboração, durante a guerra, entre psicólogos, engenheiros de telecomunicação e cientistas da computação.

Gardner (1985), em sua história do que ele apropriadamente chama de nova ciência da mente, reconhece imediatamente o papel desempenhado pelos psicólogos da Gestalt e pelos psicólogos sociais americanos na revolução cognitiva. Em Harvard, por exemplo, o papel desempenhado por Bruner (1983) foi mais claramente social que o desempenhado por Miller. Em Yale, o papel desempenhado por Abelson foi mais claramente social que o desempenhado por Schank (Schank e Abelson, 1977). Outros psicólogos sociais que contribuíram tanto para a ciência cognitiva como para a psicologia social cognitiva são Nisbett e Jones (Jones e Nisbett, 1972; Nisbett e Wilson, 1977).

A ciência cognitiva, bem como a psicologia social moderna, é principalmente um produto do pós-guerra. As formas de cognição, no entanto, são claramente distintas nos dois casos. No primeiro, inclui a linguagem do engenheiro de telecomunicação e a do cientista da computação, isto é, a teoria da informação. Ele pode, mas não necessita ser, um modo de comunicação especificamente humano. A metáfora da raiz é a de um sistema artificial de comunicação. Na psicologia cognitiva, a linguagem da cognição deriva de uma perspectiva fenomenológica do mundo. Quando o outro é outra pessoa (em vez de, por exemplo, um objeto), o modo de comunicação é interpessoal, isto é, social. Como modo de comunicação, a linguagem é especificamente humana. Ela é também um modo intrinsecamente social de comunicação.

Depois da primeira guerra mundial, Titchener alertou os psicólogos na América de que se eles aceitassem o behaviorismo, poderiam estar trocando uma ciência (isto é, a ciência da mente) por uma tecnologia. Após a segunda guerra mundial, eles trocaram uma tecnologia (isto é, o behaviorismo) por outra (isto é, a ciência cognitiva). As linguagens da tecnologia e da fenomenologia são profundamente estranhas entre si. Pode-se falar a linguagem da fenomenologia e permanecer psicólogo social. Isso não é verdadeiro da linguagem da tecnologia. Uma psicóloga social pode aprender a falar essa linguagem, mas uma vez que está versada em seu uso, provavelmente não continuará a ser um psicóloga social por muito tempo. Isso é assim porque as formas de linguagem e da inteligência que são do interesse do psicólogo cognitivo são artificiais e não naturais.

Espero mostrar, especialmente nos capítulos 2, 3 e 5, que os psicólogos sociais em ambos os lados do Atlântico, antes da segunda guerra mundial, estavam interessados no estudo das formas naturais de linguagem e da inteligência. Não é surpresa que em tempos de guerra (especialmente numa guerra quente) os modos artificiais de comunicação devam prevalecer sobre os especificamente interpessoais. Mesmo dentro da psicologia social moderna, existem modelos de comunicação claramente distintos. O modelo genérico de comunicação e de mudança de atitude dentro do programa de estudos de Yale, por exemplo, deve mais a um contexto militar do que, digamos, o modelo das relações interpessoais de Heider, que se fundamenta numa perspectiva explicitamente fenomenológica (Heider, 1958).

Exportando psicologia social dos Estados Unidos para todo o mundo

A psicologia social que se desenvolveu como um fenômeno especificamente americano na era moderna é uma forma psicológica de psicologia social. Ela é a forma dominante de psicologia social nos EUA (Jones, 1985), também no mundo de fala inglesa. Embora seja também uma forma de psicologia cognitiva, ela é totalmente diferente da ciência cognitiva, que também se desenvolveu nos EUA nos tempos modernos (veja acima). É diferente porque suas raízes são muito distintas. As raízes vão mais a fundo que as da ciência cognitiva. Meu propósito principal, ao escrever este livro, é identificar algumas dessas raízes. Ela diverge também das formas sociológicas de psicologia social, algumas das quais são também originárias da América do Norte. Embora existam hoje poucos laços, se é que exista algum, entre essas duas formas de psicologia social, ao menos no contexto dos EUA, não foi sempre assim. Essas duas formas rivais de psicologia social possuem muitas raízes comuns. É parte de minha intenção, ao escrever este livro, identificar algumas dessas raízes comuns.

O modelo de exportação de psicologia social dos EUA, durante o período moderno, foi a forma dominante de psicologia social psicológica. Os americanos, após a guerra, desempenharam um papel central na reconstrução das universidades, tanto na Alemanha como no Japão. A psicologia social que eles ajudaram a estabelecer ali foi uma forma psicológica, e não sociológica, da disciplina. Os americanos desempenharam também um papel importante na Europa, ao ajudar a constituir o que é hoje a Associação Européia de Psicólogos Sociais Experimentais. Havia, freqüentemente, psicólogos sociais individuais trabalhando longe, isolados uns dos outros, em vários países europeus. Os americanos envolvidos na reconstrução da Europa após a guerra, ajudaram esses psicólogos sociais isolados a se encontrarem. Um papel central nesse processo foi freqüentemente desempenhado pelo "Scientific Liaison Officer" da Secretaria de Pesquisa Naval, sediada na Embaixada Americana em Londres. Lanzetta, de modo específico, desempenhou um papel central no fortalecimento da principiante Associação Européia. A liderança intelectual da Associação, é evidente, foi propiciada por personalidades européias proeminentes, como Tajfel e Moscovici. Psicólogos sociais dos EUA forneceram apoio logístico importante para o desenvolvimen-

to da psicologia social na Europa, especialmente nos primeiros tempos da Associação Européia. Pessoas de renome entre esses psicólogos sociais americanos foram Festinger, Cartwright, Schachter e Katz. Cartwright desempenhou também papel importante no apoio ao estabelecimento da psicologia social no Japão durante a reconstrução desse país após a guerra.

Há tradições de pesquisa em psicologia social que se desenvolveram e que se originaram na Europa. Duas das mais influentes dessas tradições de pesquisa foram a teoria de identidade social de Tajfel e a teoria das representações sociais de Moscovici. A primeira estava muito mais estreitamente ligada à psicologia social americana, do que a segunda. Era nitidamente uma forma de psicologia social psicológica, que tinha suas raízes na teoria dos processos de comparação social de Festinger, e que constituía uma crítica dos estudos de campo das relações intergrupais de Sherif. Tajfel produziu uma teoria do preconceito puramente cognitiva que se constituiu numa contribuição significativa a uma psicologia social já altamente cognitiva. Esta última foi a forma dominante de psicologia social na fala inglesa, durante a era moderna da psicologia social. Embora a teoria da identidade social se tivesse originado na Europa, se desenvolveu muito rapidamente pelos países da antiga Comunidade Britânica. Isto não causa surpresa, pois o inglês era a língua comum de comunicação nessa Comunidade. Tajfel, através de sua teoria, contribuiu mais para a individualização do social (veja capítulo 6), do que para a socialização do indivíduo. Isso fica evidente em sua crítica a Sherif e em sua decisão de conduzir experimentos dentro de um vácuo cultural e histórico, isto é, em laboratório. Seu trabalho foi desenvolvido por seus estudantes de maneiras bastante contraditórias. Alguns, mais especificamente Turner com sua teoria de auto-categorização, contribuíram ainda mais para a individualização do social, enquanto que outros, especialmente Billig com seu enfoque retórico, contribuíram mais para restabelecer as dimensões culturais e temporais nos estudos dos fenômenos sociais.

Moscovici, ao escolher Durkheim como um ancestral adequado para sua teoria das representações sociais, contribuiu para assegurar que essa tradição francesa de pesquisa em psicologia social, que ele iniciou no começo da era moderna, fosse classificada como uma forma sociológica de psicologia social e não como uma forma psicológica. Ela se constitui numa importante crítica

sobre a natureza individual da tradição psicológica dominante da psicologia social nos EUA. É também um desafio importante à hegemonia da psicologia social americana dentro da Europa durante a era moderna. É o único exemplo de um diálogo contínuo entre uma forma psicológica e uma forma sociológica de psicologia social. O diálogo é transatlântico e não norte-americano. A pesquisa em representações sociais é agora também um diálogo multilíngüe. Há importante corpo de pesquisa em representações sociais em italiano, espanhol e português, e os inícios de uma literatura em alemão. Com o florescimento da literatura em espanhol e português, há atualmente um intercâmbio transatlântico considerável entre a Europa e a América do Sul em relação ao estudo das representações sociais.

A tradição psicológica dominante da moderna psicologia social se espalhou tanto ao norte, como ao sul, dentro das Américas. Ela se estabeleceu firmemente, embora não necessariamente de maneira dominante, no Canadá. Alguns professores americanos se dirigiram ao norte para colher informações em universidades canadenses, especialmente durante a guerra do Vietnã. Os canadenses, contudo, estavam mais propensos que seus primos americanos em questionar essa tradição de pesquisa dominante em psicologia social. Perceberam logo a ausência, nos Estados Unidos, de qualquer diálogo entre as formas sociológicas e psicológicas de psicologia social. Dois dos melhores livros escritos até agora sobre a ausência de tal diálogo, na América, entre formas psicológicas e sociológicas de psicologia social, foram escritos por canadenses, ou por acadêmicos que foram educados em universidades canadenses (Jackson, 1988; Collier et alii, 1991). Os autores desses dois volumes tiveram mais sucesso em identificar e descrever o problema, do que em resolvê-lo. No entanto, constatar que existe um problema é estar além da metade do caminho para sua solução. Penso que um enfoque mais estritamente histórico ajudará a resolver a questão. Os psicólogos sociais no Canadá estão mais atentos que seus primos americanos à importância da linguagem e da cultura como fenômenos sociais. Isso tem a ver com a natureza dividida da sociedade e da cultura canadense. Os psicólogos sociais francófonos do Canadá podem tanto dirigir-se a Paris, como ao sul de suas fronteiras com os Estados Unidos. Na verdade, os canadenses trouxeram contribuições importantes para a teoria das representações sociais, especialmente no que diz respeito à maneira como ela se relaciona com os meios de comunicação de massa.

No início da era moderna, a psicologia social nas universidades da América Latina foi fortemente influenciada pela forma psicológica dominante de psicologia social dos EUA. A psicologia social na era moderna foi um fenômeno caracteristicamente americano. Muitos dos proeminentes professores de psicologia social nas universidades latino-americanas receberam sua formação de pós-graduação nos Estados Unidos. Essa é uma situação que agora está começando a reverter, na medida em que a psicologia social está se fortalecendo mais na Europa e a hegemonia da língua inglesa, como veículo de publicação em psicologia social, está sendo desafiada pela literatura florescente, em psicologia social, nos idiomas latino-americanos.

O positivismo na história e na historiografia da psicologia social

A psicologia social é, normalmente, transmitida de uma geração de estudantes à seguinte através de um programa de doutoramento. Os manuais desempenham um papel central na formação de pós-graduação da maioria dos psicólogos sociais. A série de *Handbooks of Social Psychology*, editados por Lindzey (1954) ou por Lindzey e Aronson (1968-9, 1985), durante o período da psicologia social moderna, foram importantes na transmissão das formas dominantes de psicologia social psicológica. Isso é verdadeiro tanto se o programa de pós-graduação, em que os manuais são usados, é oferecido nos Estados Unidos ou em outras partes do mundo. Esse é o período em que a psicologia social emergiu como uma ciência experimental, principalmente na América. O positivismo desempenhou um papel central nesse processo. Essa é parte da história que se desdobra nas páginas que se seguem. Espero também tornar evidente o papel do positivismo na conformação das explicações históricas que nós temos atualmente disponíveis na psicologia social moderna. A evidência para essa última afirmação será apresentada mais pormenorizadamente no capítulo 10. Àquela altura, espero, o leitor estará numa posição melhor para julgar a verdade da afirmativa e para avaliar sua importância histórica. Ela será, também, uma garantia necessária para mim, a fim de apresentar uma explicação histórica alternativa da psicologia social moderna.

A versão de Allport sobre os fundamentos históricos da psicologia social moderna constitui o capítulo inicial do *Handbook of*

Social Psychology, editado por Lindzey (1954). Esse foi o primeiro de uma série de três *Handbooks* editados por Lindzey (1954), ou por Lindzey e Aronson (1968-9, 1985) que, coletivamente, constituem a psicologia social moderna. A versão de Allport tem sido apresentada em todas as três edições do *Handbook*. Apareceu na edição original, numa edição revisada e numa composição modificada (Allport, 1954, 1968 e 1985 respectivamente). Os manuais são importantes na história de uma disciplina (veja capítulo 5), pois eles possuem uma influência formativa na socialização de gerações sucessivas de estudantes de pós-graduação. Eles são uma fonte importante de identidade profissional dos estudantes matriculados em programas de doutorado em psicologia social. São um guia mais confiável para o desenvolvimento histórico de uma disciplina do que, por exemplo, os livros-texto, que tendem a refletir a popularidade de um tópico, entre estudantes de graduação.

O foco de meu interesse nesse livro é a psicologia social moderna, embora eu tenha mais a dizer sobre suas raízes do que sobre seu florescimento. Para avaliar seu florescimento, antes de tudo é necessário, em minha opinião, compreender suas raízes e as relações entre essas raízes e a flor. É também necessário, diria, compreender as variedades do gênero que subsistem hoje. Essas vão incluir variáveis que se encontram apenas na Europa, e outras que se encontram apenas em disciplinas afins, tais como a sociologia. Uma história específica da psicologia social moderna, como algo distinto duma narrativa das origens dessa história (Allport, 1954), não apareceu na série moderna de *Handbooks* até sua última edição (Jones, 1985). Em sua versão, Jones sublinhou os principais desenvolvimentos na disciplina durante o curso das cinco primeiras décadas (isto é, de 1935 a 1985). Sua narrativa é uma história de instituições, de programas de doutorado conjuntos de psicologia social e de outras ciências sociais, de livros-texto e dos principais programas de pesquisa. É uma descrição da pesquisa e do progresso na pesquisa, mais que uma história do pensamento. Nesse sentido, ele difere nitidamente do capítulo vizinho de Allport (1985), que é mais uma história de idéias que uma história de instituições.

Jones limitou sua análise à história da psicologia social dos EUA. Isso, em si mesmo, é uma contribuição importante aos estudos modernos. Na opinião de Allport (1954), com a qual concordo, a psicologia social moderna é caracteristicamente um fenômeno estadunidense. Jones nos forneceu uma narrativa his-

rica desse fenômeno. Sua versão, contudo, é seriamente incompleta, mesmo no que se refere ao cenário dos EUA. Isso é assim porque seu interesse primeiro, mostrado de maneira explícita, é alcançar o desenvolvimento da psicologia social como uma subdisciplina da psicologia. Isso ignora as tradições de psicologia social que se desenvolveram no contexto da sociologia e das outras ciências sociais. Espero, no presente volume, incluir formas sociológicas, bem como psicológicas, de psicologia social. Jones se considera justificado ao ignorar formas sociológicas da disciplina porque, como ele demonstra em sua análise dos livros-texto, por exemplo, eles constituem uma tradição minoritária na era moderna. O fracasso dos programas de doutorado conjuntos em psicologia social e outras ciências sociais é uma peça a mais de evidência empírica que Jones cita em apoio a sua posição. De maneira mais controversa, ele crê que as formas sociológicas de psicologia social são menos científicas que a tradição americana de psicologia social como uma subdisciplina da psicologia. É a história desta última que ele narra.

Tenho reservas quanto à vantagem de separar a história do pensamento (Allport, 1954) da história da pesquisa (Jones, 1985). Mas isto é consequência mais da decisão dos editores, que da decisão de Jones quanto à natureza de sua própria contribuição para aquele volume. A coexistência desses dois capítulos, na última edição do *Handbook* (Allport, 1985; Jones, 1985), impede que os psicólogos sociais, em âmbito mundial, possam usufruir de um referencial útil, para avaliar o desenvolvimento histórico de sua disciplina. Isso é assim porque as raízes da psicologia social moderna são tratadas separadas de sua flor. As raízes são predominantemente européias, enquanto que a flor é tipicamente americana. A divisão de responsabilidade entre Allport e Jones com respeito a sua cobertura da história da psicologia social reflete, suspeito eu, da parte dos editores, uma filosofia positivista de ciência. Allport cobre o passado metafísico da psicologia social, enquanto que Jones cobre sua curta história, desde o momento em que ela se tornou uma ciência experimental, principalmente na América. Esse é um tema ao qual irei retornar com mais detalhes no capítulo final deste livro. Jackson (1988) apresenta uma explicação melhor tanto do passado, como do presente, da psicologia social moderna, sem criar tão perniciosa ruptura entre metafísica e ciência.

Não há sentido em escrever a história de uma disciplina se já existe uma versão adequada dela. Indiquei acima algumas de minhas razões de estar insatisfeito com a explicação propiciada por Jones (1985). Meus objetivos, no presente livro, são mais abrangentes que os de Jones, pois desejo incluir tradições de pensamento e de pesquisa tanto européias, como das Américas. Desejo também incluir formas de psicologia social tanto sociológicas, como psicológicas (capítulo 7). Isso é especialmente importante para mim, pois as raízes da psicologia social moderna jazem no solo intelectual de toda a tradição ocidental.

Dirijo ainda de Jones em outro aspecto. Ele aceita, mas eu rejeito, a explicação dada por Allport, dos fundamentos históricos da psicologia social moderna. Não estou sozinho em questionar a validade dessa explicação (por exemplo, Samelson, 1974). Ao ser publicada pela primeira vez (Allport, 1954) ela foi uma contribuição valiosa para o conhecimento. É menos valiosa agora, 40 anos depois. Foi reeditada duas vezes (Allport, 1968, 1985), com apenas revisões ou emendas sem importância. Isso pode refletir um pensamento, da parte dos editores do *Handbook* (isto é, Lindzey e Aronson) de que, já que o longo passado da psicologia social está agora muito distante, não há necessidade de revisar seu entendimento. Não é sábio, do meu ponto de vista, separar, dessa maneira, o passado de uma disciplina de seu presente. Como Mead (1932) demonstrou, em sua filosofia da história, o passado é sempre reconstruído da perspectiva do presente. Não há um fim nesse processo.

O problema em escrever a história a partir do enfoque da história das idéias, que Allport adotou, é que os critérios para decidir o que incluir e o que excluir são, muitas vezes, longe de serem claros, e apenas raramente se tornaram explícitos. Smith (1988) levantou esse problema com respeito às histórias da psicologia. A partir do que, pergunta ele, é a história da psicologia a história? Existem muitos fundamentos históricos possíveis para a psicologia social moderna, dos quais o escrito por Allport é apenas um. Em sua época, ele foi importante, e agora é, ele também, parte da história da disciplina da qual, inicialmente, ele foi apenas uma introdução.

Samelson (1974) acusou Allport de criar um mito original falso para a psicologia social ao nomear Comte como seu fundador. Ele identificou a fonte secundária, a língua inglesa, onde Allport foi buscar seu conhecimento de Comte. Samelson tomou o artigo de

Allport como um exemplo do que Butterfield (1951), o historiador inglês, chamou de falácia "Whig"¹ na interpretação da história. Ela significa a "tendência de muitos historiadores de escrever a partir de perspectivas protestantes e Whigs, de elogiar as revoluções depois que elas foram bem sucedidas, de enfatizar determinados princípios de progresso no passado e de construir uma história que é a ratificação, se não a glorificação, do presente" (Butterfield, 1951, p. v).

Ao identificar Comte como seu fundador, Allport estava defendendo que a psicologia social era agora uma ciência. Para Allport (1954) ela é uma ciência social. Para Jones (1985) ela é uma ciência experimental. Ambos os autores, contudo, fundamentam suas explicações históricas em termos de uma filosofia positivista de ciência. É a mesma filosofia geral de ciência defendida pelos editores do volume em que seus trabalhos aparecem. Tratarei bem mais longamente, no capítulo 8, dos riscos implícitos em nomear ancestrais e em identificar fundadores e, no capítulo 10, da influência do positivismo ao se escrever histórias e ao se editarem manuais.

Os assuntos discutidos no parágrafo anterior têm mais a ver com a historiografia, do que com a história da psicologia social. O positivismo é uma força importante tanto dentro como sobre a história da psicologia social. O behaviorismo é a forma que ele assumiu na história da psicologia social. Nesse ponto, Floyd Allport, o irmão de Gordon, desempenhou um papel importante (ver capítulo 6). A criação de um mito original falso para a psicologia é apenas uma das formas que o positivismo assumiu, na historiografia de uma disciplina. Nesse ponto, Gordon Allport, o irmão de Floyd, desempenhou um papel importante. Gordon, desse modo, cumprimenta e complementa a obra de seu irmão Floyd. Um cria a revolução que o outro celebra. A falácia Whig torna-se aqui um mero assunto de família.

1. O partido Whig foi um antecessor do partido liberal moderno. Eles estiveram no poder de 1714-60 e pressionaram o desenvolvimento industrial e comercial e a tolerância religiosa. Durante a Revolução Francesa os Whigs exigiram reforma parlamentar na Inglaterra. Com a aprovação da Carta de Reformas em 1832, eles se tornaram conhecidos como liberais.

Pós-escrito

Compartilho a crença de Allport (1954) e de Jones (1985) de que a era moderna da psicologia social iniciou no fim da segunda guerra mundial. Meu ponto de vista, diferentemente do deles, não está fundamentado em nenhuma filosofia especial de ciência. Minha explicação está muito mais próxima da história apresentada por Jones, do que aquela apresentada por Allport. Isto porque meu interesse liga-se à história das instituições, e não à história das idéias. O período histórico que cubro, no presente livro, como um todo, porém, é o de Allport e não o de Jones. Isso porque estou interessado nos fundamentos históricos da psicologia social moderna. Não tenho dificuldade em aceitar, juntamente com Allport e Jones, que o florescimento da psicologia social na era moderna é um fenômeno caracteristicamente estadunidense.

2. A EMERGÊNCIA DA PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA NATURAL E SOCIAL NA ALEMANHA

Dado que a forma dominante de psicologia social se desenvolveu nos Estados Unidos como uma subdisciplina da psicologia, e não da sociologia, é necessário buscar suas raízes no contexto da antiga disciplina. A psicologia surgiu como uma disciplina específica na Alemanha na segunda metade do século dezenove. Atribui-se geralmente a Wundt (como o faz, por exemplo, Boring, 1929) o título de fundador da psicologia como ciência experimental. A primeira edição do livro-texto de Wundt *Grundzüge der physiologische Psychologie* (Fundamentos da psicologia física) foi publicado em 1873-4; ele criou um laboratório de psicologia em Leipzig em 1879 e lançou uma revista de pesquisa *Philosophische Studien* em 1881. É bem menos sabido, especialmente entre psicólogos, que Wundt também escreveu dez volumes de psicologia social (sua *Völkerpsychologie*) entre 1900 e 1920. É extremamente pertinente aos propósitos do presente livro compreender porque Wundt preferiu separar sua psicologia social de sua psicologia experimental. Antes de passar a discutir esta questão específica, é conveniente, primeiro, compreender algo sobre o contexto mais amplo onde esses desenvolvimentos aconteceram.

Wissenschaft: o nascimento da universidade de pesquisa moderna

A universidade medieval preparava seus estudantes para as antigas profissões da medicina, do direito e da Igreja. Humboldt criou a universidade moderna quando ele restabeleceu a Universidade de Berlim em 1809. O elemento novo da universidade moderna foi a pesquisa, ou a *Wissenschaft*. O campo de pesquisa do próprio Humboldt era a lingüística comparativa. Foi possível, então, pela primeira vez, conseguir graduar-se apenas através da pesquisa. O grau de Doutor em Filosofia atraiu muitos estudantes

Psicologia tem um longo passado, mas apenas uma curta história". História, aqui, é a história de uma ciência. O que tinha havido antes, isto é, a metafísica, é agora parte da pré-história da nova ciência. Esta maneira de distinguir entre o passado e o presente de uma ciência reflete o modo de agir de uma filosofia positivista da ciência.

Formas rivais de Wissenschaft: Naturwissenschaft e Geisteswissenschaft

Embora a tradição da *Wissenschaft* separe a forma moderna da forma medieval de universidade, havia muita discussão entre os círculos acadêmicos na Alemanha a respeito de formas rivais da *Wissenschaft*. A distinção mais amplamente aceita era entre as *Naturwissenschaften* e as *Geisteswissenschaften*. Isto corresponde, de maneira superficial, no mundo de fala inglesa, à distinção entre ciências naturais, de um lado, e ciências humanas e sociais, de outro. Na Inglaterra e no País de Gales, por exemplo, corresponde à distinção entre a Royal Society de Londres e a Academia Britânica². A distinção é muito importante no atual contexto, pois levou Wundt a separar sua psicologia experimental (parte das *Naturwissenschaften*) de sua psicologia social (parte das *Geisteswissenschaften*). Psicologia, para Wundt, era apenas em parte um ramo das ciências naturais. Ele percebeu que seria possível resolver experimentalmente certos problemas específicos dentro da filosofia. Esse projeto estritamente limitado, contudo, necessitava, em sua opinião, ser suplementado por uma forma de *Geisteswissenschaften*.

A crença de Wundt de que a ciência experimental que ele tinha fundado em Leipzig era um projeto limitado, conduziu a seu repúdio pela geração mais jovem de psicólogos experimentais, muitos dos quais ele mesmo treinara. É a isso que Danziger (1979) chama de "repúdio positivista de Wundt". A questão principal em discussão entre as duas gerações de experimentalistas, como Danziger (1979, 1990) demonstrou tão amplamente, era se a psico-

2. A Royal Society de Edimburgo é semelhante à Academia Continental de Ciências, pois cobre o espectro amplo das ciências naturais, sociais e humanas. Havia laços estreitos naquele tempo entre a Escócia e a França. Na Inglaterra e no País de Gales, ao contrário, a Royal Society de Londres tratava somente das ciências naturais. A British Academy tratava das Humanidades (e mais recentemente das ciências sociais).

logia era totalmente, ou apenas em parte, um ramo das ciências naturais. A geração mais jovem não podia perdoar o fundador de sua disciplina por ter afirmado que a psicologia era apenas em parte um ramo das ciências naturais. Wundt afirmava que não era possível estudar os processos mentais mais profundos de maneira experimental. A geração mais jovem começou quase de imediato a provar que ele estava errado: Külpe, em Würzburg, estudando o pensamento sem imagem e Ebbinghaus, em Berlim, estudando a memória.

No pensamento da geração mais nova de experimentalistas, especialmente Külpe e Ebbinghaus, o organismo substituiu a psique como o foco de sua atenção. Aqui, a pele forma um limite distinto entre o objeto de estudo, isto é, o indivíduo, e o ambiente desse indivíduo. O objeto de estudo é, então, um objeto limitado, seja ele animal ou humano. A relação figura/fundo é realçada quando a figura é a de um outro ser humano. A distinção é bem mais nítida do que quando a mente é o objeto de estudo em psicologia, como tinha sido tanto para Wundt como para James. É difícil distinguir entre a mente e seu contexto social e cultural. A substituição da psique pelo organismo foi um passo preliminar importante no processo de se considerar a psicologia toda como um ramo das ciências naturais. Esse fato marca também a transição da filosofia para a biologia como a disciplina-mãe para a psicologia.

Nos Estados Unidos, esse mesmo processo tomou uma direção um pouco diversa. Watson proclamou que a psicologia era totalmente um ramo das ciências naturais ao declará-la como a ciência do comportamento. O comportamento possui uma vantagem sobre a mente por ser diretamente visível. Esse é um assunto ao qual voltarei nos capítulos subsequentes. A visibilidade do indivíduo e das diferenças entre os indivíduos fez com que fosse mais fácil estudar esse último. Foi exatamente isso o que fez J. McKeen Cattell ao retornar à América após seus estudos na Alemanha e na Inglaterra (ver Sokal, 1981, especialmente p. 330-41). Embora Cattell possuísse um PhD de Leipzig, e tivesse sido pesquisador assistente de Wundt, ele foi um dos jovens positivistas (Danziger, 1979) que repudiou Wundt. Wundt, em sua ciência experimental, estava interessado pela mente em geral, e não pelas mentes em particular. Cattell, em seu retorno à América, ao colocar a base para o teste do movimento mental, estava mais sob a influência de Galton, que ele visitara em Cambridge entre setembro de 1886 e dezembro de 1888 (ver as cartas de Cambridge editadas por Sokal, 1981, p. 218-313).

A distinção entre as *Naturwissenschaften* e as *Geisteswissenschaften* contribuiu também para o esquecimento posterior, nos círculos psicológicos, da psicologia social de Wundt. Em grande parte isso se deve ao fato de que a história que realmente importava, aos olhos das gerações subsequentes, era a história da psicologia como um ramo da ciência natural. Os objetos de estudo da *Völkerpsychologie* de Wundt eram a linguagem, a religião, os costumes, o mito, a magia e fenômenos semelhantes. Esses fenômenos coletivos emergem da "recíproca interação de muitos" (Wundt, 1916, p. 3) e, segundo Wundt, eles não podem ser explicados em termos da consciência do indivíduo, que era a base de seu laboratório científico. A psicologia social de Wundt era, pois, uma forma de *Geisteswissenschaft*. A psicologia continuava a ser a ciência da mente, mas na *Völkerpsychologie* Wundt analisou a mente em suas manifestações externas, isto é, em termos da cultura. Ela continuava a ser uma ciência, mas um tipo diferente de ciência: uma ciência humana e social.

Ciência é uma tradução possível da palavra alemã *Wissenschaft*. A palavra "ciência", infelizmente, é muitas vezes empregada num sentido fortemente restrito na Inglaterra e no País de Gales para se referir apenas às ciências naturais. Isso é muito diverso do seu emprego no continente europeu onde, especificamente, as academias de ciência cobrem todo o espectro do ensino, desde as *Naturwissenschaften*, até as *Geisteswissenschaften*. Nesse sentido, a Royal Society de Edimburgo (diferentemente da Royal Society de Londres) é mais semelhante a uma academia continental de ciência. Na Inglaterra, o Iluminismo foi em grande parte um assunto escocês, e existiram estreitos laços, naquele tempo, entre a França e a Escócia. Voltaire, por exemplo, orgulhava-se do fato de ser um Fellow da Royal Society de Edimburgo. Seria muito improvável que fosse um Fellow da Royal Society de Londres.

A idéia de estudar a mente em suas manifestações externas foi um projeto primeiramente discutido por Kant em sua antropologia (Leary, 1982). Torna-se difícil, a esta distância no tempo, avaliar a importância da *Völkerpsychologie* de Wundt, sem ter uma idéia clara do que constituía as ciências humanas e sociais, isto é, da natureza das *Geisteswissenschaften*. Danziger (1983) mostrou como a história não foi benigna com a visão de psicologia de Wundt. Isso deve-se, em parte, como vimos acima, ao fato de os psicólogos experimentais terem tomado sua disciplina como sen-

do totalmente um ramo das ciências naturais; em parte também ao fato de os psicólogos sociais, ao menos no mundo de fala inglesa, não terem uma percepção clara da psicologia como uma ciência humana e social. Os psicólogos sociais sociológicos têm mais facilidade que seus primos psicológicos para tal percepção. Isso se deve ao fato de estes últimos, na segunda metade do século XX, terem transformado a psicologia social num ramo das ciências naturais (ver capítulos 1 e 10). No início, a psicologia se transformou numa ciência natural, durante o período histórico coberto por este livro, e então, quase meio século após (no período que aqui eu chamo de era moderna) a psicologia social seguiu o mesmo caminho. O que era *Geisteswissenschaften* para Wundt, tornou-se *Naturwissenschaften* para Floyd Allport. Quando a psicologia era a ciência da mente, era mais fácil concebê-la como uma ciência humana e social do que quando ela se tornou uma ciência do comportamento.

Na Alemanha, Dilthey (1883) colocou os fundamentos das *Geisteswissenschaften*. A disciplina central desse projeto era a história, e a mente humana era concebida em termos históricos. Em Berlim havia um enfrentamento nítido entre a concepção de Dilthey de psicologia como *Geisteswissenschaft* e a concepção de Ebbinghaus como *Naturwissenschaft*. Dilthey foi uma figura influente nos círculos acadêmicos e, embora não fosse psicólogo, tinha um interesse muito ativo nas indicações para as cadeiras dessa disciplina. Stumpf foi claramente mais simpático à concepção de psicologia de Dilthey do que o fora Ebbinghaus. Foi sob os auspícios de Stumpf que a psicologia da Gestalt floresceu na Universidade de Berlim (Ash, 1982, ver também o capítulo 6). Dilthey é também importante no contexto da história da psicologia social porque ele influenciou G.H. Mead. Mead passou os anos de 1889-91 na Universidade de Berlim, e Dilthey foi o supervisor de sua tese. A tese discutia a relação entre visão e tato na percepção do espaço. Embora Mead não conseguisse completar sua tese antes de ter de deixar Berlim para assumir um cargo na Universidade de Michigan (ver apêndice 1), não há dúvida de que Dilthey influenciou seu pensamento. Quando Mead era estudante em Berlim, foi influenciado tanto por Ebbinghaus como por Dilthey. Estava, portanto, plenamente consciente da rivalidade entre as duas formas de *Wissenschaft*. Isso será discutido mais detalhadamente no capítulo 4.

Ringer (1969) descreve o alto status cultural conseguido pelo professorado das universidades alemãs durante o século dezoito. Ele descreve sua posição dentro do resto da sociedade alemã como a da classe dos mandarins. Toma seu modelo da classe mandarim da obra do sociólogo Max Weber. Os professores conseguiram esse status pelo fato de se terem tornado conselheiros indispensáveis de uma monarquia iluminada em assuntos referente à arte de governar na modernidade. Usufruíam o status de serem uma classe especial de servidores civis. A obra de Ringer, mais precisamente, é um estudo do declínio de sua influência entre 1890 e 1933. Isso foi ocasionado pela crise na cultura, no momento em que as instituições educacionais, em geral, se adaptaram aos esforços da recente industrialização. O livro de Ringer é um guia geral útil para se conhecer o pano de fundo histórico da vida e da obra de Wundt e de outros pioneiros, como Dilthey, na emergência da psicologia como ciência tanto natural, como social.

O leitor moderno é feliz pois possui uma narrativa contemporânea do que significava ser um estudante de pós-graduação no Instituto de Psicologia de Leipzig nos inícios da década de 1880. Essa narrativa está nas páginas dos diários privados e da correspondência familiar de J. McKeen Cattell, editados e anotados pelo historiador Sokal (1981). Sendo que o pai de Cattell era o Diretor de uma faculdade dos Estados Unidos, as cartas revelam muitas coisas referentes à natureza da vida universitária daquele tempo, tanto na Alemanha, como nos Estados Unidos. O valor de possuir um PhD de uma universidade alemã, especialmente de Leipzig, em termos de uma carreira acadêmica nos Estados Unidos, fica muito evidente nas páginas da obra de Sokal. Do mesmo modo, pode-se perceber o poder do professorado na Alemanha. Cattell possuía, às próprias custas, um tipo especial de instrumental (um cronômetro de gravidade modificado), construído para ser usado em seus estudos experimentais de tempo de reação. Ele guardava seu instrumental em seu alojamento, onde realizou os estudos para sua tese, pois tinha medo que se levasse o aparelho para o laboratório, o aparelho seria requisitado pelo seu professor. Cattell, contudo, era mais generoso com respeito a outro tipo de aparelho que possuía. Quando ele deixou Leipzig, doou a Wundt a máquina em que datilografou sua tese. Outros professores na Alemanha se deram conta que a máquina americana tinha propiciado a Wundt

uma clara vantagem sobre seus colegas no que se referia a publicações. Wundt foi certamente um editor prolífico. Boring (1950), contudo, é de opinião que Wundt tinha um grande número de publicações mesmo antes de receber o presente da máquina de escrever.

Cattell indicou a si mesmo como primeiro assistente de Wundt porque pensava que o laboratório de Leipzig tinha de ser organizado. Foi também o primeiro dos estudantes de doutorado de Wundt a escolher o tópico de sua própria investigação, em vez de tê-la indicada por seu professor. Essa tese era sobre diferenças individuais no tempo de reação, um problema que Wundt descreveu como "ganz amerikanisch" (bem americano). Wundt era provavelmente muito acadêmico para ser um grande administrador, e desse modo o auxílio oferecido por Cattell foi muito bem-vindo. Wundt passava a parte da manhã em casa escrevendo. Na parte da tarde ele visitava o laboratório, saía para uma breve caminhada, e depois dava sua aula diária às quatro horas da tarde. À noite ele descansava, ou ia a um concerto ou a uma ópera. "Ele evitava cerimônias públicas, nunca participava de congressos, não gostava de viajar, e dificilmente tirava um dia livre" (Hearnshaw, 1979, p. 447).

Psicologia fisiológica/psicologia social

Por que separar as duas?

Wundt não pensava ser possível estudar, através da introspecção, fenômenos tão profundamente mentais como o pensamento. Era apenas possível, através do laboratório, estudar processos sensoriais básicos. Isso porque a mente não pode voltar-se sobre si mesma e estudar aquilo de que ela mesma é produto. Estudar a relação entre linguagem e pensamento, por exemplo, era, para Wundt, parte de sua *Völkerpsychologie*. Podem-se encontrar os antecedentes desse enfoque de estudo da linguagem e do pensamento na psicologia social da linguagem como foi desenvolvida por Humboldt, Herder e Hegel (Marková, 1983). É também possível perceber o desenvolvimento posterior das idéias de Wundt na psicologia social de G.H. Mead (1934) em Chicago (ver capítulo 4) e na psicologia do desenvolvimento de Vygotsky na Rússia. Ele é também fielmente preservado no trabalho sobre educação de C. H. Judd em Chicago. Na verdade, o pensamento dos expressionistas alemães (isto é, Humboldt,

Herder e Hegel) com respeito à psicologia social da linguagem, juntamente com o tratamento de Wundt sobre a linguagem (Wundt, 1973), são responsáveis pela marcante similaridade no pensamento tanto de Mead como de Vygostsky. Embora fossem contemporâneos, nenhum deles, enquanto eu saiba, tinha conhecimento do trabalho do outro.

As limitações devidas ao emprego da introspecção para estudar a mente eram também claras para William James. Diferentemente de Wundt, James estava interessado em estudar o fluxo da consciência. Ele comparava o uso da introspecção no estudo da consciência ao acender dos lampiões de gás a fim de melhor ver as trevas circundantes. Quanto mais clara a luz, maior a escuridão ao redor. A tarefa é quase sem importância, embora nem tanto para um astuto observador de sua própria mente como James. O uso da introspecção feito por Wundt, contudo, era muito preciso. Os relatórios introspectivos que provinham do laboratório de Leipzig referiam-se a acontecimentos que estavam imediatamente presentes à consciência. Para Wundt, a introspecção era uma forma de percepção interna (Danziger, 1980a). Quando o indivíduo é enfocado de fora, é fisiologia; quando o indivíduo é enfocado de dentro, é psicologia. Ambos, contudo, compõem o campo da psicologia fisiológica. Os processos generativos implicados na produção de fenômenos mentais coletivos, tais como a linguagem, são interacionais e, conseqüentemente, sociais. Isso levou Wundt a separar sua psicologia social da psicologia fisiológica. Eles eram dois projetos independentes, embora relacionados. Um – a psicologia social – não podia ser reduzido ao outro – psicologia fisiológica. Um se referia à comunidade das pessoas (um *volk* – povo), enquanto o outro se referia ao indivíduo.

A respeito das limitações do uso da introspecção para explorar fenômenos mentais coletivos, Wundt tinha o seguinte a dizer:

É verdade que muitas vezes já se tentam investigar as funções complexas do pensamento à base da mera introspecção. Essas tentativas, contudo, foram em geral sem sucesso. A consciência individual é totalmente incapaz de nos fornecer a história do pensamento humano, pois ela está condicionada por uma história anterior a respeito da qual ela não pode, por si mesma, dar-nos nenhum conhecimento (Wundt, 1916, p. 3).

A mente, nesse contexto, é, para Wundt, claramente um fenômeno histórico. Isso está inerente à noção de *Geisteswissenschaft*.

Para Wundt, *Völkerpsychologie* “refere-se àqueles produtos mentais que são criados por uma comunidade humana e são, por conseguinte, inexplicáveis em termos meramente da consciência individual, pois eles pressupõem uma ação recíproca de muitos” (Wundt, 1916, p. 3). “A língua, por exemplo, não é uma descoberta acidental de um indivíduo; é o produto de povos e, falando de maneira geral, existem tantas línguas diferentes quantos são os povos originalmente distintos. O mesmo se pode dizer do início da arte, da mitologia e dos costumes” (Wundt, 1916, p. 2). O ponto central de Wundt é que a língua e a religião foram *em sua origem* a criação de uma comunidade de pessoas, embora posteriormente as línguas e religiões tenham ultrapassado os limites de um único povo, ou comunidade de pessoas e tenham se tornado universais.

Concepções diferentes das origens da mente e da ciência

Na *Völkerpsychologie* (especialmente na versão resumida *Elemente der Völkerpsychologie*, 1912), Wundt estava investigando as origens da mente. Isso é essencial à concepção de psicologia como *Geisteswissenschaft*. A nova geração de positivistas, contudo, que, nas palavras de Danziger (1979), repudiou Wundt, estava à procura de algo muito diferente. Eles estavam tentando identificar quando a psicologia deixara de ser metafísica e tornara-se ciência (isto é, totalmente uma parte das *Naturwissenschaften*). O contraste entre as duas formas de *Wissenschaften* no que se refere à questão das origens, é nitidamente exemplificado nessa longa citação de Koch (1985, p. 7):

É raro que os seguidores de um amplo campo de investigação tenham uma imagem de seu campo como tendo sido “criado” numa determinada data. Não se encontram celebrações milenares da criação da filosofia (ou, na verdade, da física) por Tales, ou da criação da história por Heródoto. A pintura não é pensada como tendo sido iniciada em algum ateliê primitivo, mesmo que seja um ateliê propiciado por uma caverna. Se houver defensores da invenção da literatura, eles não levaram sua proposta adiante. Praticamente todas as amplas áreas de investigação ou de atividade criativa que agora estão “institucionalizadas”, são vistas como dispersas na história e na pré-história. É ridículo pensar nelas como tendo sido inauguradas numa determinada data, do mesmo modo como o é pensar na língua como tendo sido declarada existente por algum importante lingüista primitivo. Toda definição do que significa ser humano necessita que um conhecimento psicológico – tanto

implícito como explícito – tenha sido “possuído” e perseguido pelo povo juntamente com seu surgimento.

Num caso (as ciências humanas e sociais), a história é co-extensiva com a raça humana; no outro caso (as ciências naturais), ela não é inaugurada até que o campo de estudo cesse de ser metafísico e torne-se ciência. Quando o último caso ocorre, é instituída uma nítida ruptura com o passado. Seria mais acurado, contudo, afirmar que a ruptura com o passado é construída pelos historiadores da ciência, pelos que escrevem a próxima geração de livros-texto (Kuhn, 1962) e pelos editores de manuais (ver o capítulo 10). As próprias mudanças históricas serão provavelmente menos distintas.

Para Wundt, sua *physiologische Psychologie* e sua *Völkerpsychologie* eram formas suficientemente diversas de psicologia para que ele pudesse distinguir entre elas e tratá-las como projetos distintos. Elas eram, contudo, ligadas, embora o próprio Wundt fosse incapaz de elaborar completamente os detalhes desses elos. Um elo, fica claro, é propiciado pela teoria da evolução de Darwin. Mead percebeu isso com muita clareza (ver capítulo 4). A evolução é uma forma não experimental de ciência natural onde o tempo (e, conseqüentemente, em termos de questões humanas, a história) é importante. A teoria de Darwin estava interessada na pré-história da raça humana. Ele trabalhou com as variedades de espécies presentes na natureza. Ao desenvolver sua teoria, ele empregou o método comparativo.

Wundt tentou imitar Darwin ao traçar a evolução da mente humana. O material à sua disposição tinha sido coletado pelos lingüistas e antropólogos. Ele tinha de lidar com as variedades de línguas faladas pelo ser humano e com as variedades de natureza humana que podiam ser encontradas no mundo. Os objetos de estudo de sua *Völkerpsychologie* foram a língua e a cultura. Esse era um projeto diferente de sua ciência experimental, pois os fenômenos mentais coletivos, tais como a língua e a cultura, não tinham possibilidade de serem controlados experimentalmente. Era ainda, contudo, ciência, embora não ciência experimental. Como já foi mencionado anteriormente, a universidade moderna de pesquisa tinha sido fundada por Humboldt, que fundou também o campo da lingüística comparativa. O método comparativo era comum tanto nas *Naturwissenschaften*, como nas *Geisteswissenschaften*.

A cultura não é o único fenômeno que é externo à consciência dos indivíduos. A concepção estrita de Wundt, de psicologia experimental como sendo o estudo da consciência, forçou Freud, por exemplo, a chamar sua teoria do inconsciente como metapsicologia. Quando Rosenzweig, um psicólogo clínico dos Estados Unidos, apresentou a Freud evidência experimental para a repressão, Freud rejeitou essa evidência como inatingível. É quase certo que Freud procede assim pois ele igualava a psicologia experimental com a versão que Wundt tinha dela, isto é, interessada exclusivamente com o que está presente na consciência. Külpe e seus colaboradores em Würzburg não eram tão restritivos em sua concepção de consciência ou em seu emprego da introspecção. Eles incluíam narrativas introspectivas de acontecimentos que não estavam mais presentes na consciência. Elas faziam parte de seus estudos introspectivos sobre o pensamento. Wundt considerava isso somente como uma técnica experimental pobre. Com Ebbinghaus em Berlim estudando a memória através de suas (*specially devised nonsense syllables*) sílabas sem sentido criadas especificamente, parecia que processos mentais superiores poderiam, finalmente, ser estudados experimentalmente. Essa é a versão que conseguiu prevalecer nas histórias oficiais da psicologia, ao menos no mundo de fala inglesa.

As limitações de uma ciência de laboratório baseada na introspecção

Havia algo profundamente falho numa ciência experimental que dependesse, em grande escala, de relatos introspectivos. Os relatos eram de acontecimentos privados que não eram acessíveis a ninguém, além da pessoa que os apresentava. Ninguém mais podia ter acesso independente à mente da pessoa que fizesse o relato para conferir sua veracidade. A ciência, necessariamente, é um empreendimento público. A ciência não pode tomar narrativas, ou acontecimentos sem comprovação como seus dados primários. O problema com o emprego da introspecção no laboratório, como acontecera com seu uso reduzido apenas ao simples filosofar, é que observador e observado são uma e a mesma pessoa. A única mente à qual alguém possui acesso direto é a própria mente. Tal ciência da mente não pode verdadeiramente ser uma ciência, porque ela não é social. Mead (ver capítulo 4) criticou

Wundt porque sua última teoria da mente, que subjaz à sua ciência experimental, era cartesiana, e não hegeliana.

Danziger (1990), baseado em sua análise da revista *Philosophische Studien*, forneceu-nos uma compreensão histórica da estrutura social de experimentação no laboratório de Leipzig. A pessoa que apresentava os dados científicos era, evidentemente, mais importante que a pessoa que apresentava os estímulos. As distinções entre experimentadores e sujeitos, com as quais hoje nós estamos mais familiarizados, não existiam então. A pesquisa era muito mais um empreendimento colaborativo, e as pessoas freqüentemente se alternavam nos papéis de apresentadores e pesquisadores. Wundt muitas vezes atuava como um sujeito, mas nunca como um experimentador. Embora a introspecção fosse empregada com muita freqüência no laboratório de Leipzig, a pesquisa do laboratório não dependia exclusivamente dela. Técnicas comportamentais eram muitas vezes empregadas, especialmente nos experimentos de tempo de reação. Era tomado muito cuidado na administração dos estímulos e no registro das respostas. A figura 2.2 mostra Wundt e alguns de seus assistentes no laboratório de Leipzig por volta do ano de 1910.

Um problema com uma ciência de laboratório que dependa, em grande parte, da introspecção, é a ausência de procedimentos sobre os quais se alcance um consenso para a solução de afirmativas conflitivas que provenham de laboratórios rivais. Um exemplo de tal conflito sem solução era se o pensamento ocorre em termos de imagens. Külpe, em Würzburg, defendia que o pensamento se dava sem imagens. Ele mostrou ser impossível resolver o problema através da introspecção. Foi esta característica da primeira ciência da mente que preparou o caminho, ao menos no Novo Mundo, para a emergência do behaviorismo. Aqui observador e observado eram duas pessoas diferentes ou, no caso de estudos com animais, um observador humano e um animal observado. Sendo que o objeto de observação era o comportamento, era possível obter medidas de confiabilidade inter-observadores. Isso era muito importante para preservar a natureza pública da ciência. A transição da escrivania ao laboratório significou que a psicologia, senão na teoria, ao menos na prática, era agora uma ciência social.



Figura 2.2: Guilherme Wundt e assistentes no Laboratório de Leipzig (cerca de 1910) (arquivos da Universidade de Leipzig, Wundt-Nachlass).

Distorções na compreensão de Wundt no mundo de fala inglesa

Blumenthal (1975) afirma que não há praticamente nenhuma semelhança entre o Wundt histórico e seu retrato que emerge das narrativas históricas oferecidas em inglês. Como isso pode ser assim? Serei breve ao sugerir como essas distorções surgiram. O trabalho cuidadoso de detetive que oferece uma resposta a essa questão já foi realizado por Danziger (1979).

A psicologia experimental como uma realização anglo-alemã

Muitos escritores acreditam que a psicologia se tornou ciência somente quando os métodos experimentais delineados pelos fisiologistas na Alemanha, foram empregados para resolver alguns dos problemas que a psicologia tinha herdado da filosofia. "Os alemães sabiam como os receptores se comportavam; os ingleses sabiam porque eles eram importantes. Devido ao espírito positivista do tempo, era inevitável que as duas linhas de pensamento deveriam convergir. Quando isso aconteceu, a psicologia se tornou uma ciência experimental" (Miller e Buckhout, 1973, p. 25). O'Neil, um historiador da psicologia australiano, oferece uma versão semelhante. "A psicologia como um estudo metódico de observação começou com a aplicação de métodos, principalmente experimentais, provindos em grande parte da fisiologia, para problemas derivados em sua maioria da filosofia" (O'Neil, 1982, p. 2). Tem-se a impressão que a convergência da fisiologia alemã com a filosofia inglesa resultou na emergência da psicologia fisiológica. Hearnshaw, um historiador inglês da psicologia, parece endossar essa visão geral. "Na Inglaterra ... Wundt nunca teve muitos seguidores, apesar do fato de que o próprio Wundt buscou muitas de suas idéias na psicologia inglesa; especificamente, é evidente, o enfoque empírico, analítico, observacional" (Hearnshaw, 1979, p. 449). De certo modo isso é curioso, pois os antecedentes filosóficos de Wundt são Leibniz e Kant, e não Locke, Hume, James Mill, John Stuart Mill, Berkeley, etc.

A fonte principal de distorção nesse assunto, é Titchener, um senhor inglês de Cheltenham, que estudou filosofia em Oxford antes de ir a Leipzig, onde ele obteve seu PhD com Wundt, em 1892. Titchener incorporou Wundt à tradição filosófica que ele aprendera em Oxford, isto é, à tradição empírica, associacionista da filosofia inglesa. Isso o levou a não perceber o papel central da

apreensão na filosofia da mente de Wundt, juntamente com sua dimensão voluntarística. Isso tudo faz parte do que Danziger (1979) chama de repúdio positivista de Wundt. É convicção firme do próprio Danziger que "Titchener fez sua carreira interpretando Wundt a seu modo profundamente idiossincrático" (Danziger, 1979, p. 206). Essas distorções grosseiras que Titchener introduziu não teriam importância nenhuma hoje se não fosse o fato de que um dos estudantes de doutorado mais estimados de Titchener em Cornell era E.G. Boring. Boring dependia de Titchener no que se referia à maioria das informações sobre as origens, na Alemanha, da psicologia como uma ciência experimental. Boring, agradecidamente, dedicou sua *History of Experimental Psychology* (1929), a seu antigo professor e mentor, que tinha morrido poucos anos antes da publicação da primeira edição.

A influência de Wundt no desenvolvimento das ciências sociais

Boring publicou uma lista dos pioneiros da psicologia experimental nos Estados Unidos que tinham ido para Leipzig e que tinham sido influenciados por Wundt:

Os Estados Unidos seguiram de perto a Alemanha na adoção da nova psicologia, e eles também se inspiraram em Wundt. Stanley Hall visitou Leipzig nos primeiros anos do novo laboratório de Wundt, e fundou, nos Estados Unidos, (seis anos depois que Wundt iniciou a *Philosophische Studien*) a *American Journal of Psychology*, conseqüentemente a segunda revista de psicologia experimental da história. A proporção de estudantes de Wundt provindos dos Estados Unidos era muito grande. Cattell foi seu primeiro assistente. A lista seguinte, organizada cronologicamente é, penso eu, completa quanto aos estudantes americanos de Wundt antes de 1900: G.S. Hall (Clark), J.McK. Cattell (Columbia), H.K. Olfe (Nebraska), E.A. Pace (Catholic University), E.W. Scripture (Yale), F. Angell (Stanford), E.B. Titchener (Cornell), L. Witmer (Pennsylvania), H.C. Warren (Princeton), H. Gale (Minnesota), G.T.N. Patrick (Iowa), G.M. Stratton (California), C.H. Judd (Chicago), G.A. Tawney (Beloit). (Boring, 1950, p. 347).

É curioso que Boring omita G.H. Mead e trate Titchener como um americano.

Compilei uma curta lista de cientistas sociais importantes que foram fortemente influenciados por Wundt. Grande parte da evidência está contida na lista de datas importantes apresentada no

apêndice 1. Algumas dessas pessoas estavam em Leipzig, por exemplo, Malinowski, que se tornou o fundador da antropologia social inglesa. Outros estavam inscritos como estudantes de Wundt, como G.H. Mead, o filósofo pragmatista de Chicago (ver capítulo 4), e W.I. Thomas, o importante sociólogo de Chicago que, na década de 1920, igualou a psicologia social ao estudo das atitudes sociais. Outros eram pessoas que visitaram Leipzig; por exemplo, Durkheim visitou um bom número de universidades alemãs em 1885-6 e ficou impressionado com o que viu.

Foi, contudo, no trabalho de Guilherme Wundt que ele encontrou a evidência máxima de progresso no tratamento sociológico da moralidade. Ele também admirou muito o trabalho experimental de Wundt na psicologia, com sua concentração em problemas precisos e restritos, e sua rejeição das "vagas generalizações e possibilidades metafísicas". Foi, contudo, o trabalho sociológico de Wundt que mais o excitou e influenciou (Lukes, 1973, p. 90-1).

Houve mais pessoas que leram e reagiram à *Völkerpsychologie* de Wundt; por exemplo, Boas, que criou uma importante escola de antropologia cultural nos Estados Unidos. Freud escreveu *Totem e Tabu* como uma resposta à teoria de Wundt sobre a era totêmica na evolução do ser humano. Essa lista curta, e ainda incompleta, é muito significativa. Há pouco, ou nenhum indício da influência de Wundt nas *Geisteswissenschaften* que possa ser encontrado nas histórias oficiais da psicologia. Foi-me necessário um longo tempo para compilar a lista de datas e acontecimentos que estão no apêndice 1. Se quisermos encontrar a influência de Wundt como psicólogo social, teremos de buscá-la em outras ciências humanas e sociais que são, agora, independentes da psicologia; por exemplo, na psicanálise, na lingüística, na sociologia americana ou francesa, na antropologia social e cultural inglesa e americana, e assim por diante. Há algumas tradições autônomas de psicologia social que podem ser ligadas à influência de Wundt, mas que, hoje, são independentes da tradição psicológica dominante de psicologia social discutidas no capítulo 1. Essas tradições incluem a tradição do interacionismo simbólico dentro da sociologia americana (ver capítulo 4); a pesquisa francesa contemporânea sobre "representações sociais", que tem sua inspiração em Durkheim; a agora extinta tradição da psicologia comparativa mostrada na organização do primeiro *Handbook of Social Psychology* de Murchison (1935) (ver capítulo 5). O que todas essas formas de psicologia social têm em comum é que elas são tradições de psicologia social

"sociológicas" e não "psicológicas"; isto é, provêm da *Völkerpsychologie* de Wundt e não de sua ciência de laboratório. Elas são, pois, genuinamente formas *sociais* de psicologia social.

O positivismo na historiografia da psicologia e da psicologia social

Danziger (1979) descreveu com propriedade o papel do positivismo na história da psicologia, especialmente em relação ao repúdio de Wundt pela nova geração de experimentalistas. Estou interessado em traçar seus efeitos nas histórias da psicologia, especialmente da psicologia social; isto é, pretendo identificar o papel do positivismo na historiografia da psicologia, especialmente na historiografia da psicologia social. Aqui, neste capítulo, estou tratando da história da psicologia, especialmente a partir da narrativa feita por Boring (1929, 1950). Essa narrativa foi escrita durante o período abrangido pelo presente livro. No capítulo 10, retornarei a esse tema com detalhes bem mais aprofundados, especificamente em relação às histórias da psicologia social, especialmente as escritas por G.W. Allport (1954) e por Jones (1985). Essas histórias foram escritas durante a era moderna da psicologia social. Uma examina as raízes da psicologia social moderna (Allport, 1954); a outra descreve suas realizações (Jones, 1985). No início da era moderna da psicologia social, temos, pois, o relançamento de uma história positiva da psicologia (a segunda edição de Boring, 1950), seguida imediatamente por uma narrativa dos fundamentos históricos da psicologia social moderna (Allport, 1954), em que Comte é identificado como sendo o fundador da disciplina. Ambas as histórias foram escritas no Departamento de Psicologia da Universidade de Harvard.

Uma das maneiras de mostrar as distorções na apresentação de Wundt, encontradas nas histórias da psicologia de língua inglesa, é examinar seu trabalho em seu devido tempo. Em 1862 Wundt se colocou três tarefas para sua vida: a criação de (a) uma psicologia experimental; (b) uma metafísica científica; e (c) uma psicologia social. Ele deu conta da primeira dessas tarefas escrevendo uma obra de dois volumes *Grundzüge der physiologische Psychologie* (1873-4); estabelecendo, em Leipzig, o primeiro Instituto de Psicologia do mundo, em 1879; e fundando uma revista *Philosophische Studien* em 1881, em que ele poderia publicar os resultados de sua pesquisa em laboratório (ver apêndice 1 para maiores detalhes). Os historiadores da psicologia muitas vezes

selecionam essa década particular da vida altamente produtiva de Wundt e a declaram como sendo o tempo em que ele desenvolveu sua obra mais importante. Miller (1966, p. 33, 34), por exemplo, afirma o seguinte: "Com um manual, um laboratório e uma revista científica, a nova psicologia estava muito bem encaminhada". Afirmar isso, porém, é distorcer grosseiramente tanto a abrangência como a significância das tarefas que Wundt se tinha proposto.

Nas duas décadas seguintes de sua vida Wundt esteve preocupado com a segunda de suas três tarefas. Wundt adotou, nesse tempo, uma postura explicitamente antipositivista. O positivismo era aquele movimento de pensamento, em filosofia que se tinha originado nos meados do século dezenove a partir dos escritos do filósofo francês Augusto Comte, e que culminou, nos meados do século vinte, no positivismo lógico do Círculo de Viena e na análise linguística. Para um positivista, a ciência substitui a metafísica. A idéia de escrever uma metafísica científica é, portanto, para um positivista, uma contradição nos próprios termos. É fazer os ponteiros do relógio andarem para trás. É interessar-se com a metafísica, e não com a ciência. É dar um passo atrás.

Nas duas décadas finais de sua vida, Wundt dirigiu sua atenção para a terceira das três tarefas que se tinha proposto em 1862, criando uma psicologia social. Ele tinha 69 anos de idade quando publicou o primeiro dos dez volumes de sua *Völkerpsychologie* (1900-20). Esses volumes permaneceram em grande parte fora do alcance dos historiadores da psicologia e da psicologia social que escreveram em inglês. No início da era moderna da psicologia social, os objetos de estudo da *Völkerpsychologie* de Wundt, isto é, a língua, a religião, os costumes, o mito, a magia e fenômenos similares eram, em geral, pensados como sendo objetos de estudo de outras ciências, como a linguística, a sociologia e a antropologia. Como isso aconteceu, é parte da história do presente livro. Isso se deveu, primeiramente, ao desenvolvimento das forças do positivismo no período que antecedeu o fim da segunda guerra mundial. Os efeitos do reducionismo são tratados no capítulo 3 e a individualização e americanização (Manicas, 1987) da psicologia social é o tópico do capítulo 6.

Wundt permaneceu meticulosamente dentro do plano de trabalho que se tinha proposto em 1862. Precisou de uma década para realizar sua primeira tarefa; duas décadas para cada uma de suas duas últimas tarefas. Terminou seu último volume da *Völkerpsychologie* em 1920 e, como uma boa medida, acrescentou uma breve

autobiografia e então morreu, duas semanas depois. Boring calcula que ela tenha escrito cerca de 54.000 páginas durante sua vida.

As forças do positivismo em ação na historiografia da psicologia, que identifiquei sob cada uma das três tarefas de Wundt mostradas acima, cumulativamente, podem produzir um efeito extremamente devastador na maneira como Wundt é retratado nas histórias da psicologia, especialmente aquelas escritas em inglês. A descrição que segue exemplifica esses efeitos cumulativos:

O gênio de Wundt era do tipo descrito por Thomas Edison – um por cento de inspiração e noventa e nove por cento de transpiração. Não se pode deixar de admirar a energia e a perseverança de Wundt pelo espaço de 60 anos. Mas é sua primeira realização – a criação de uma psicologia científica, experimental – que deve merecer nosso maior respeito. Seu trabalho posterior está agora em sua maioria esquecido. Sua filosofia foi sem significância, e sua psicologia social chegou muito tarde (Miller, 1966, p. 39).

Miller não é o único em chegar a tal avaliação geral negativa de Wundt. Hearnshaw, numa conferência em comemoração ao centenário do laboratório de Leipzig, conseguiu apenas dois, mas não três, aplausos para Wundt:

Wundt não foi uma figura muito original; sua posição em psicologia era questionável, e foi amplamente rejeitado; sua maneira de escrever era monótona, e seus pontos de vista algumas vezes eram claramente equivocados... Desse modo Wundt merece ao menos um aplauso por ter tido sorte bastante de estar no lugar certo no tempo certo, e por ter aproveitado conscientemente a oportunidade que se colocava diante dele. Ele merece um segundo aplauso por ser um organizador excepcionalmente laborioso e competente, e um honesto investigador, apesar de suas limitações no enfoque. Mas nós devemos suspender o terceiro aplauso, que nós devemos guardar para o homem genial da psicologia, seu Newton, quando ele (sic) aparecer (Hearnshaw, 1979, p. 450, 451).

Os dois primeiros aplausos são, no meu entender, muito fracos. A avaliação de Wundt feita por Hearnshaw é uma avaliação extremamente desdenhosa. Boring (1929) fez também uma avaliação negativa das realizações de Wundt: "não existiram grandes psicólogos. A psicologia nunca teve um grande nome exclusivamente para ela. Wundt não era um grande homem da estatura de Helmholtz ou Darwin..." Wundt foi repudiado pelos positivistas porque ele dependia que a ciência experimental que ele tinha

criado era um projeto limitado (Danziger, 1979). Ele foi repudiado também, acrescentaria eu, porque ele defendia que sua psicologia social era uma *Geisteswissenschaft* e não uma *Naturwissenschaft*.

Epílogo: a herança de Wundt

A psicologia surgiu como uma ciência natural e social na Alemanha no final do século dezenove e início do século vinte. Entre os 10.000 americanos que inundaram a Europa para seus estudos de pós-graduação no meio século entre 1865 a 1914, Sokal (1981), Boring (1929, 1950) e Hilgard (1987) identificam os pioneiros de uma psicologia experimental nos Estados Unidos. Havia muito mais laboratórios estabelecidos nos Estados Unidos, do que na Inglaterra, baseados no modelo de Leipzig (Hearnshaw, 1979).

Em reconhecimento às origens da disciplina, o alemão se tornou uma língua obrigatória na maioria dos programas de doutorado das universidades do Estados Unidos e em algumas universidades inglesas. É de se duvidar que mesmo os pioneiros que estudaram "a nova psicologia" na própria Alemanha, tenham entendido tudo o que escutaram nas aulas, ou leram nos livros. Mostrei, neste capítulo, algumas das fontes de mal-entendidos entre professores e estudantes, por exemplo, as distorções de Titchener a respeito de Wundt. É duvidoso que os antecedentes filosóficos da "nova psicologia", como ela passou a se chamar, foram entendidos pelos que não tinham a língua alemã como língua materna. O instrumental metálico da nova ciência de laboratório era, porém, bem mais fácil de carregar. Fazia parte, muitas vezes, da bagagem dos americanos que retornavam aos Estados Unidos, com pressa em estabelecer laboratórios nos novos cursos de doutorado que começaram a brotar por toda parte nas universidades americanas. Hilgard (1987, p. 32-34) lista uns 41 laboratórios que foram fundados nos Estados Unidos ao redor de 1900. Muitas vezes, contudo, esses eram projetos muito diferentes do laboratório de Leipzig, sob cuja inspiração muitos deles tinham sido criados. O estudo das diferenças individuais, por exemplo, era muito mais uma inovação inglesa, francesa e americana, em vez de ser de inspiração alemã. É também duvidoso se os requisitos da língua dos programas de doutorado americanos – que continuaram até a era moderna – realmente propiciaram a compreensão internacional que eles tinham como objetivo conse-

guir. Os requisitos da língua dos programas de doutorado americanos tinham como objetivo preservar os laços entre o Velho e o Novo Mundo. A emergência, na era moderna, do inglês como a língua de comunicação internacional na ciência, destruiu muitos desses elos.

A não-compreensão do componente *ciência social* da psicologia foi muito maior do que a não-compreensão do componente *ciência natural*. Isso se deve, talvez, ao fato de ela (a ciência social) ser mais especificamente cultural. Certamente, o *corpus* do trabalho de Wundt não foi muito bem compreendido fora de sua Alemanha natal; por exemplo, a relação entre sua ciência experimental e sua ciência social. A herança de Wundt foi uma psicologia experimental que não era social e uma psicologia social que não era experimental. Se a psicologia se tornou por primeiro uma ciência experimental na Alemanha, foi, a psicologia social que se tornou depois uma ciência experimental nos Estados Unidos.

A perspectiva comparativa em psicologia sempre foi mais forte na Europa do que nos Estados Unidos. Em larga medida, isto se deve ao trabalho de importantes etologistas como Tinbergen, Lorenz e Hinder. Esta perspectiva foi melhor preservada na Europa porque lá o behaviorismo não teve a mesma influência generalizada que teve nos Estados Unidos. Tradicionalmente, a psicologia comparativa esteve em oposição à psicologia experimental, uma vez que sua preocupação principal era estudar as mudanças que ocorrem na natureza. Ela não se limitou ao estudo dos animais em seu hábitat natural. Muitas vezes, esta perspectiva compreendeu também a psicologia social e do desenvolvimento. Foi neste contexto que comecei a lecionar psicologia social na University College London no fim da década de 1960. O leitor poderá obter uma idéia do conteúdo programático da disciplina de psicologia comparativa lendo o item que descreve a Graduação em Psicologia da Universidade de Londres, reproduzido no apêndice 2.

6. A INDIVIDUALIZAÇÃO DA PSICOLOGIA SOCIAL NA AMÉRICA DO NORTE

Pelo menos desde a época do Renascimento, o individualismo tem sido um componente essencial da tradição intelectual do ocidente (Burckhardt, 1860). O Renascimento é uma raiz fundamental da psicologia social moderna, pelo menos em suas formas psicológicas. Possui um valor mais central em algumas culturas ocidentais do que em outras culturas; por exemplo, nos Estados Unidos (Riesman, 1950) em comparação, digamos, com a Rússia. Neste sentido cultural amplo (o que Allport, 1954, chama de totalidade da tradição intelectual ocidental) ele é, mais ou menos, um sinônimo de humanismo. Em épocas mais recentes, tornou-se parte das *Geisteswissenschaften* (ver capítulo 2).

No ramo ocidental da cristandade, a Reforma reforçou a causa do individualismo. A invenção da imprensa e a difusão da literatura promoveu-a mais ainda, ao criar minorias ativas que podiam ler as escrituras sagradas por si mesmas ao invés de ter de aceitar a palavra de outros, que protestavam contra a propaganda, que discordavam dos consensos anteriores e que, geralmente, não conseguiam conformar-se. Os porta-vozes (eram todos homens) da maioria de crentes retratavam estes desviantes como protestantes, dissidentes e não conformistas. Quando esta representação ficou consolidada, os indivíduos podiam ser identificados e perseguidos. A perseguição no Velho Mundo levou a uma migração seletiva para o Novo Mundo. Isto tudo, por sua vez, levou o individualismo a tornar-se um valor mais central na América do Norte do que, digamos, na Europa Central.

Cientistas sociais, tais como o sociólogo Weber (1922) e o historiador econômico Tawney (1926), identificaram vínculos, de natureza histórica, entre o espírito (isto é, a *geist*) do protestantismo e o surgimento do capitalismo em muitas culturas ocidentais. Esta situação gerou uma dinâmica própria, em termos da industrialização e urbanização dessas sociedades. Foi neste contexto que nasceram as ciências sociais (Dahrendorf, 1955). Antes da

Revolução Industrial tinha vindo o Iluminismo. Ele tornou-se parte integrante da tradição intelectual do ocidente. O individualismo então secularizou-se. O ceticismo gerado pelo Iluminismo foi muitas vezes usado contra as verdades da religião revelada, como aconteceu nos escritos de Hume e Voltaire. Os valores do Iluminismo também foram usados para justificar as revoluções francesa e americana.

Quando o individualismo se torna uma ideologia dominante dentro de uma cultura, torna-se também invisível para aqueles indivíduos que possuem esta ideologia. Na verdade, estes indivíduos podem chegar mesmo a escrever livros comemorando o fim das ideologias (Bell, 1960). Neste caso, a ideologia fica igualada às crenças coletivas (ver capítulo 3). Quando o objeto destas crenças coletivas é o indivíduo, isto não é entendido como ideologia – ao contrário, é visto até como uma antítese da ideologia. Isto é bastante curioso, pois Ichheiser (1949) demonstrou que a representação social do indivíduo, como um agente moral autônomo, está situada no coração da ideologia do sucesso e do fracasso, na forma como ela se desenvolveu em muitas culturas ocidentais, especialmente no Império austro-húngaro. Seu compatriota, Heider (1958), demonstrou que é com base nesta representação coletiva do indivíduo que exaltamos as pessoas quando elas obtêm sucesso e as censuramos quando fracassam. Estes são os pressupostos culturais que subjazem a muitas das avaliações que fazemos em nossa vida cotidiana.

Quando, no começo da era moderna, Moscovici (1961) inaugurou uma forma sociológica de psicologia social, nomeou Durkheim como seu ancestral (ver capítulo 7). Ele rejeitou a noção de representação coletiva de Durkheim (capítulo 3), para adotar sua própria noção de representação social. E ele o fez baseado no fato de que há poucas, se é que as há, representações coletivas nas sociedades modernas. Eu diria que em muitas sociedades modernas, o individualismo é uma representação coletiva no sentido pleno do termo usado por Durkheim. É uma representação coletiva preservada nos códigos legais de muitos desses países.

As raízes do individualismo estão enterradas no solo de toda a tradição intelectual do ocidente, mas seu florescimento é um fenômeno caracteristicamente americano. Suas raízes podem ser encontradas no dualismo cartesiano, bem no começo da filosofia moderna. Se o individualismo é um valor central dentro de uma cultura particular, então deveria ser possível detectar seus efeitos

na história das ciências sociais. Acredito que isto seja verdade na história da psicologia social nos Estados Unidos. Os efeitos do individualismo não são tão evidentes na história da psicologia porque esta é, presumivelmente, o estudo dos indivíduos.

O individualismo, na forma como emprego o termo aqui, é um valor central e, como tal, deveria aparecer na coluna da direita na tabela 3.1. Ali, eu disse que o individualismo, como uma representação coletiva, deve ser diferenciado das representações individuais coletivamente partilhadas. As muitas manifestações do individualismo como um valor cultural central aparecem em toda a coluna da esquerda na tabela 3.1. As conseqüências históricas do individualismo como uma representação coletiva podem ser encontradas no que Graumann (1986) chama de "individualização da psicologia social" e no que Manicas (1987) chama de "americanização das ciências sociais".

Dos dois processos, aquele descrito por Graumann é o mais restrito. Ele se relaciona com uma única ciência social, a saber, a psicologia social. É de duração restrita porque o behaviorismo de F.H. Allport, que é o objeto de estudo de Graumann, teve sua influência máxima, no desenvolvimento histórico da psicologia social nos Estados Unidos, no período entre as guerras. Os dois processos, entretanto, estão interligados, porque o individualismo é comum a ambos. No período que se seguiu à segunda guerra mundial, as ciências sociais nos Estados Unidos tornaram-se individualizadas quando, coletivamente, passaram a ser chamadas de ciências do comportamento. Isto aumenta o alcance e prolonga a duração da tese de Graumann, pois pode-se aplicá-la a outras ciências sociais, além da psicologia social, e estendê-la até a era moderna da psicologia social. A emergência das ciências do comportamento durante o período da Guerra Fria (ver também capítulo 9) ajusta-se perfeitamente à tese de Manicas sobre a americanização das ciências sociais, uma vez que o behaviorismo é um fenômeno tipicamente americano. A mudança de nome foi um truque bem sucedido com o fim de atrair recursos financeiros para as ciências do comportamento, recursos estes que não estariam acessíveis aos cientistas sociais (porque os políticos que votavam os recursos não distinguiam entre ciências sociais e socialismo). O preço do sucesso, contudo, foi a individualização das ciências sociais nos Estados Unidos.

A enorme influência do behaviorismo sobre a psicologia produziu, no fim da década de 1960, certo número de campos de

estudos interdisciplinares, entre os quais a psicologia desfrutava de um lugar central. Isto não é muito surpreendente, uma vez que as outrora ciências sociais são agora vistas, em conjunto, como as ciências do comportamento. O nascimento destes campos interdisciplinares, tais como a psicologia transcultural, psicologia ambiental e história das ciências do comportamento, foram resultado desses desenvolvimentos do pós-guerra. Eles representam um prolongamento, na era moderna, da individualização das ciências sociais. Iria além do referencial de tempo e espaço deste livro descrever em detalhes esses desenvolvimentos.

A definição da disciplina: os dois irmãos Allport

Há poucas dúvidas de que o livro-texto *Psicologia social* de 1924 de F.H. Allport, que é o foco do estudo de Graumann, tinham desempenhado um influente papel na formação da disciplina de psicologia social. Em seu prefácio para o livro, F.H. Allport observa que, até aquele momento, eram os sociólogos, mais que os psicólogos, que escreviam a maioria dos livros-texto da disciplina. Ele se propõe em seu livro-texto a constituir a psicologia social como uma ciência comportamental e experimental. As relações entre seu behaviorismo e seu individualismo ficam bastante explícitas na forma como ele delimita o campo da psicologia social.

Não há nenhuma psicologia de grupos que não seja essencial e totalmente uma psicologia dos indivíduos. A psicologia social não deve ser colocada em contraposição à psicologia do indivíduo; *ela é uma parte da psicologia do indivíduo*, cujo comportamento ela estuda em relação àquela parte do ambiente que compreende seus iguais... Da mesma forma, não existe consciência que não seja a dos indivíduos. A psicologia, em todos os seus ramos, é uma ciência do indivíduo (F.H. Allport, 1924, p. 4).

Esta forma de delimitar o campo, de maneira clara, leva inevitavelmente à individualização do social e fundamenta o reducionismo de Allport que foi comentado no capítulo 3. Seus pressupostos metodológicos também levam na mesma direção; por exemplo, sua defesa da experimentação. Seus estudos experimentais sobre os efeitos da ação recíproca, foram incluídos na revisão da matéria feita por Dashiell, no último capítulo do *Manual de psicologia social* de 1935, de Murchison (ver capítulo 5).

Dashiell e F.H. Allport foram colegas de faculdade na University of North Carolina, na década de 1920.

F.H. Allport foi um crítico severo de todas as pessoas que parecessem estar atribuindo capacidade de ação a qualquer outra entidade que não o indivíduo. Já comentei, no capítulo 3, sobre seu ataque a McDougall em relação ao conceito de mente grupal deste último. F.H. Allport era um defensor entusiástico das pesquisas de opinião pública, quando elas surgiram na década de 1930, porque eram inteiramente coerentes com o seu individualismo metodológico. Isto fica evidente ao analisarmos a definição de opinião pública de Allport.

A expressão opinião pública possui um significado na medida em que se refere a uma situação multi-individual, na qual os indivíduos buscam expressar, ou são solicitados a expressar, se estão a favor ou apóiam (ou então, se estão contra e se opõem a) uma determinada condição, pessoa ou proposta de grande importância, em tal proporção, em termos de números, intensidade ou frequência, que possa aumentar a probabilidade de orientar a ação, direta ou indiretamente, na direção do objetivo desejado (F.H. Allport, 1937, p. 23).

Embora os irmãos Allport tivessem orientações teóricas diferentes – G.W. era cognitivista e F.H. behaviorista – eles partilhavam a mesma representação do indivíduo. G.W. Allport define o campo da psicologia social nos mesmos termos individualistas de seu irmão: “Com poucas exceções, os psicólogos sociais vêem sua disciplina como uma tentativa de entender e explicar como o pensamento, o afeto e o comportamento dos indivíduos são influenciados pela presença real, imaginada ou implícita, de outros” (G.W. Allport, 1954, p. 5). Os outros, naturalmente, são os outros indivíduos. G.W. Allport é o único autor presente tanto no *Manual de Murchison* de 1935, como na coleção moderna dos *Manuais de psicologia social*, editados por Lindzey (1954) e por Lindzey e Aronson (1968-69, 1985). Isto significa que ele colaborou com capítulos para manuais por mais de meio século. Em sua contribuição para o *Manual* de Murchison, ele individualizou a noção de atitude ao simplesmente excluir os componentes sociais e coletivos das definições de outras pessoas (Jaspars e Fraser, 1984), antes de oferecer a sua própria (ver capítulo 5).

A atitude não foi o único conceito teórico da psicologia social que G.W. Allport individualizou. De acordo com Craik (1993), ele

também individualizou a noção de personalidade. Isso aconteceu em seu livro *Personality: a psychological interpretation* (1937). Craik compara e contrasta a abordagem de Allport sobre a personalidade com a de Stager (1937), que publicou um livro sobre a personalidade no mesmo ano. Craik define a abordagem de Allport para o estudo da personalidade como “o indivíduo *per se*”, em contraste com a abordagem mais explicitamente social de Stager, que Craik caracteriza como “o indivíduo em sociedade”. Muito embora Graumann (1986) tenha escrito sobre F.H. Allport e a individualização da psicologia, seria bastante possível também escrever sobre G.W. Allport e a individualização da psicologia social. Apesar das marcantes diferenças entre eles, em termos de suas perspectivas teóricas, eles partilham a mesma representação coletiva do indivíduo. O individualismo, que é comum aos irmãos, é um fenômeno tipicamente americano, embora também seja parte de toda a tradição intelectual do ocidente.

A individualização da psicologia social nos Estados Unidos: fase um

Graumann (1986) defende a tese de que a tentativa de F.H. Allport de instituir a psicologia social, uma ciência comportamental e experimental, resultou em que ela tornou-se individualizada. Isso se passou antes do início da era moderna na psicologia social. Os argumentos apresentados por Graumann em favor de sua tese são muito mais lógicos do que históricos, embora ele tenha considerado o trabalho de Allport no contexto das primeiras pesquisas experimentais na Alemanha. Ele apóia sua tese na análise do livro *Psicologia social* (Allport, 1924), especialmente no capítulo 12 sobre a multidão.

O behaviorismo foi a principal, mas não a única, causa da individualização da psicologia social nos Estados Unidos, durante os anos entre as guerras. A tese de Graumann é meritória neste aspecto. Neste mesmo período, o behaviorismo também fez desaparecer uma psicologia autenticamente comparativa (ver capítulo 5) – mais uma vez, através da individualização do social. Para F.H. Allport a realidade última é o comportamento. Só os indivíduos se comportam. É um uso equivocado das palavras, na opinião de Allport, atribuir ações a outras entidades que não os indivíduos. Já vimos (capítulo 3) que esta foi a base da crítica de Allport à noção de

mente grupal de McDougall. Apesar de seu behaviorismo, Allport não se recusa a falar em termos como consciência ou mente. A consciência, entretanto, é a consciência dos indivíduos. É ocioso falar, por exemplo, em consciência da multidão pois, como observa Allport (1924), uma multidão não possui um sistema nervoso central.

F.H. Allport, em seu livro *Institutional Behavior* (1933), analisa as principais instituições da sociedade – a família, a igreja, a nação, a escola, a política, a vida econômica, etc. – em termos de ações de indivíduos. Em cada uma destas esferas, ele demonstra como nosso uso da linguagem ou nossa tendência a pensar as instituições como se fossem independentes das pessoas que as compõem, leva à perda da autonomia moral por parte do indivíduo: “Vivendo da forma como vivemos, nesta era institucional complexa, a falta de consciência que muitos demonstram acerca da natureza das instituições e da nossa participação nelas é algo espantoso” (F.H. Allport, 1933, p. 29).

F.H. Allport descreve em detalhes (em um capítulo intitulado “A justiça segue seu curso”), o papel desempenhado por muitos indivíduos diferentes na execução de Sacco e Vanzetti em Massachusetts, em 23 de agosto de 1927. Seu estudo foi um precursor, duas décadas antes, dos estudos experimentais de Milgram sobre obediência à autoridade, na era moderna. As abordagens são iguais na essência: quando os indivíduos tornam-se agentes da instituição, deixam de ser agentes moralmente autônomos. Na conclusão de seu livro, Allport exprime a esperança de que um novo tipo de individualismo venha a emergir, de tal forma a dispensar a necessidade de instituições. “Nosso maior dilema não advém do fato de não termos as instituições *certas*, mas do fato mesmo de haver instituições” (F.H. Allport, 1933, p. 411). O individualismo, para ele, é o valor principal. “Um mundo melhor só pode ser um mundo de indivíduos melhores e mais livres” (p. 520).

Ao desenvolver sua tese, Graumann (1986) não faz referência a *Institutional Behavior* (Allport, 1933). A defesa veemente de Allport, naquele volume, da individualização das instituições, apenas reforça a tese de Graumann. Graumann argumenta que a individualização do social corre paralela à dessocialização do indivíduo. Não me parece uma consequência lógica. Penso também que isto não é verdadeiro. O individualismo é em si mesmo o produto de um tipo particular de sociedade. Individualismo e socialização aparecem lado a lado nas psicologias sociais tanto de G.H. Mead como de F.H. Allport.

A americanização das ciências sociais

Manicas (1987) abordou o desenvolvimento das ciências sociais nos Estados Unidos. Seu interesse, portanto, é muito mais amplo que o meu. Ele tratou de várias disciplinas; eu trabalho com apenas uma (embora ela possa ser pensada como uma subdisciplina de outras duas disciplinas). Ele tende a descurar os desenvolvimentos históricos das ciências sociais nos Estados Unidos durante os anos entre as guerras, enquanto que, para mim, estes são anos cruciais. Sua filosofia realista da ciência tem raízes em Marx; a minha tem raízes no pragmatismo de C.S. Peirce e G.H. Mead.

O ponto de vista de Manicas sobre a americanização das ciências sociais é compatível com a abordagem apresentada aqui. Na verdade, ele toma a psicologia como paradigma para seus próprios propósitos; por exemplo, o behaviorismo de Watson é claramente uma forma americana e não alemã, de ciência. Ele também observa que o individualismo da tradição anglo-saxã é muito mais forte nos Estados Unidos que na Europa. A tese de Graumann sobre a individualização da psicologia social nos Estados Unidos encaixa-se perfeitamente na abordagem mais ampla de Manicas sobre a americanização das ciências sociais.

A individualização da psicologia social nos Estados Unidos: fase dois

Existe uma outra fase da individualização da psicologia social nos Estados Unidos além daquela descrita por Graumann (ver acima). Isto ocorre devido à migração dos psicólogos da Gestalt desde a Áustria e Alemanha para os Estados Unidos. Koffka é o personagem central desta migração. Ele emigrou para os Estados Unidos em 1927, quando foi indicado para uma cátedra no Smith College. Ele era também o mais fluente do grupo no inglês, e ajudou a arranjar emprego para os outros quando, em diferentes circunstâncias e por várias razões, foram obrigados a emigrar. As cartas que escreveu para uma de suas alunas de doutorado, Molly Harrower, constituem, no dizer desta, "um auto-retrato involuntário" (Harrower, 1983).

Heider juntou-se a Koffka no Smith College em 1930 (o apêndice 1 contém muitas datas de eventos relevantes destas muitas migrações). Heider inicialmente pretendia permanecer por pouco tempo, uma vez que Stern em Hamburgo mantinha seu

lugar em aberto aguardando seu retorno. Logo depois de chegar aos Estados Unidos, Heider casou-se com Grace Moore, uma cidadã americana, e decidiu estabelecer-se nos Estados Unidos. Em 1947, aos 51 anos, ele deixou o Smith College e foi para a University of Kansas, onde permaneceu até sua morte em 1988. Ele publicou sua autobiografia aproximadamente cinco anos antes de morrer (Heider, 1983).

Quando Hitler chegou ao poder em 1933, a Alemanha tornou-se um lugar impossível de se viver para os acadêmicos que eram judeus. Entre os primeiros a deixá-la estavam Wertheimer e Lewin (figura 6.1). Koffka (Harrower, 1983) escreveu cartas de referência para eles em relação a um possível emprego na London School of Economics and Political Science. Harrower entrou em contato com Ginsburg, "o mais importante sociólogo e psicólogo social inglês" na LSE, num esforço para garantir emprego para Wertheimer e Lewin. Em uma carta datada de 19 de maio de 1933, Harrower escreveu a Koffka: "A pedido de Ginsburg, estou enviando-lhe um telegrama cujo significado espero que o senhor entenda, uma vez que ele não pode obter uma declaração direta de Wertheimer e Lewin sobre suas exonerações, ele deseja uma declaração sua neste sentido para que ele possa usá-la como motivo para seu apelo à Sociedade de Auxílio aos Judeus ou à London School of Economics". Em carta datada de 27 de maio de 1933, Koffka respondeu: "A notícia de Ginsburg é esplêndida, não encontraríamos este espírito de sacrifício pessoal em nenhum outro país que não a Inglaterra. Espero que as declarações que enviei sobre Wertheimer e Lewin estejam corretas. Embora talvez eu tenha exagerado em suas qualificações... (adiante). Ontem o New York Times informou que a London School of Economics já fez um convite a quatro professores alemães. Isto é absolutamente maravilhoso. Wertheimer ou Lewin estão entre eles?" (Harrower, 1983). A LSE acabou decidindo não oferecer-lhes o emprego.

Wertheimer aceitou um lugar na New School for Social Research de Nova Iorque, que se tornou uma verdadeira universidade européia no exílio, empregando em seus quadros muitos destacados acadêmicos franceses e alemães, incluindo, entre outros, Levi-Strauss e Adorno como membros do grupo de professores. Lewin inicialmente foi para Cornell, para a Faculty of Home Economics, entre 1933 e 1935, quando então mudou-se para o Child Welfare Center na University of Iowa. Durante os anos passados em Iowa (1935-1945), reuniu em torno dele, exatamente

como tinha feito no Instituto de Psicologia de Berlim na década de 1920, um grupo de talentosos estudantes de graduação, alguns dos quais transferiram-se com ele para o Centro de Pesquisas em Dinâmica de Grupo, quando este foi fundado no MIT em 1945 (ver apêndice 1 para mais detalhes). O grupo de estudantes de doutorado que se reuniu no MIT naqueles dois anos (ver capítulo 1) tornar-se-iam os pioneiros na psicologia social nos Estados Unidos na era moderna (Patnoe, 1988). Com a morte de Lewin em 1947, o Centro de Pesquisas em Dinâmica de Grupo transferiu-se do MIT para a University of Michigan onde, sob a direção de Cartwright, tornou-se parte do Instituto de Pesquisa Social. Dadas suas estreitas ligações com Lewin, não é de surpreender que Cartwright tenha feito uma avaliação tão enfática da extensão em que a história da psicologia social nos Estados Unidos foi influenciada pelos acontecimentos na Alemanha (ver os capítulos 1 e 9). A biografia de Lewin, feita por Marrow (1969), embora um pouco suspeitosamente elogiosa, é uma importante fonte de informações sobre os anos que Lewin passou nos Estados Unidos e sobre sua influência aí, especialmente no campo da psicologia social.

Outro personagem central no grupo da Gestalt foi Köhler, embora, desde uma perspectiva da história da psicologia social mais estrita, ele tenha sido uma figura menos importante que Lewin e Heider. Permaneceu em Berlim como diretor do Instituto de Psicologia, manifestando uma corajosa oposição ao regime nazista, até que sua posição tornou-se insustentável (Henle, 1986b). Aceitou um convite para as "William James lectures" em Harvard em 1934, e depois retornou para os Estados Unidos como professor no Swarthmore College (1935-1958). Em Swarthmore, exerceu influência sobre um colega seu, Asch, que viria a desempenhar um importante papel no desenvolvimento de uma forma cognitiva de psicologia social na era moderna. O livro de Köhler sobre a *Gestalt Psychology* (Köhler, 1947) é importante, no meu ponto de vista, porque aí ele elabora sua própria oposição ao behaviorismo que era a forma de psicologia dominante nos Estados Unidos. Foi somente quando migraram para os Estados Unidos que os psicólogos da Gestalt se defrontaram com o behaviorismo. Quando isto ocorreu, opuseram-se a ele. Era uma perspectiva radicalmente diferente das suas. Acredito que tenha sido no contexto do behaviorismo nos Estados Unidos que alguns deles (mais especialmente Lewin e Heider) se tornaram psicólogos sociais. Eles não eram psicólogos sociais em seus países de origem, na Alemanha e na Áustria.



Figura 6.1: Kurt Lewin, fundador da psicologia social como uma ciência experimental e aplicada.

Penso que posso ser mais claro se fizer uma citação extensa do livro de Koffka *Principles of Gestalt Psychology* (1936). A obra foi escrita com o objetivo explícito de apresentar ao leitor americano esta tradição alemã de pesquisa, especialmente no campo da percepção visual. Koffka estava bastante consciente do fato de que a perspectiva dominante nos Estados Unidos era muito diferente da dos psicólogos da Gestalt. Nesta passagem, Koffka encontra-se em dificuldades para estabelecer uma distinção entre ambientes comportamentais e geográficos. Ele o faz mencionando uma lenda alemã:

Numa noite de inverno, debaixo de uma forte tempestade de neve, um cavaleiro chegou a uma pousada, feliz por ter alcançado um abrigo, depois de ter cavalgado por horas nas planícies castigadas pelo vento, nas quais uma capa de neve havia encoberto todas as trilhas e sinalizações. O estalajadeiro que atendeu à porta olhou o estranho com surpresa e perguntou-lhe de onde vinha. O homem apontou na direção reta em frente à pousada, ao que o estalajadeiro disse em um tom surpreso e assustado: "Você sabia que cavalgou através do Lago de Constance?" Ao ouvir isso, o cavaleiro caiu fulminado aos seus pés (Koffka, 1936, p. 27-8).

Koffka prossegue então perguntando em que ambiente este comportamento ocorreu? É aqui que a distinção entre o ambiente natural e o comportamental torna-se importante.

O Lago de Constance. Certamente, porque é uma afirmação verdadeira que ele cavalgou através do lago. Contudo, esta não é a verdade completa, porque o fato de aí existir um lago congelado, e não um solo de terra firme, não afetou nem de leve o seu comportamento. É interessante para um geógrafo que este comportamento tenha ocorrido nessa localidade em particular, mas não para um psicólogo, enquanto estudioso do comportamento; isto porque o comportamento teria sido exatamente o mesmo se o homem tivesse cavalgado através de uma planície vazia. Mas o psicólogo sabe algo mais: uma vez que o homem morreu de susto depois de tomar ciência do que "realmente" tinha feito, o psicólogo pode concluir que, se o estranho soubesse disso antes, seu comportamento ao cavalgar teria sido muito diferente do que realmente foi. Portanto, o psicólogo dirá: existe um outro sentido para a palavra ambiente, de acordo com o qual nosso cavaleiro não passou pelo lago, mas por uma planície nevada comum. Seu comportamento era o de cavalgar-sobre-uma-planície e não de cavalgar-sobre-um-lago (Koffka, 1936, p. 28).

A perspectiva do geógrafo ou do cientista natural é semelhante à do estalajadeiro no presente contexto – um observador que conhece a disposição do ambiente natural. Esta é a perspectiva do behaviorista na psicologia. Koffka então cita um exemplo mais familiar aos leitores americanos: "Será que o rato anda pelo mesmo labirinto que o experimentador construiu?" Existe uma clara divergência de perspectiva entre atores e observadores nestes exemplos. A perspectiva da Gestalt é a do ator na cena social, isto é, a do cavaleiro ou do rato no labirinto. Para entender o comportamento do cavaleiro, é preciso entender o ambiente da mesma forma que ele. Em contraste com a perspectiva de um observador

isolado, esta poderá parecer uma "perspectiva altamente subjetiva". Interessante aqui é que esta é uma perspectiva equivalente ao teorema de Thomas nas formas sociológicas de psicologia social, a saber: "se os homens definem uma situação como real, então ela será real em suas conseqüências". A perspectiva da Gestalt é o ingrediente específico que torna a psicologia social cognitiva, na era moderna, um fenômeno tipicamente americano.

O que Koffka descreve como um ambiente comportamental é um equivalente da noção de Lewin de espaço vital psicológico do indivíduo. O que desejo assinalar aqui é que a perspectiva da Gestalt também resultou na individualização do social, desta vez em termos de percepção em vez de em termos de comportamento. Aparecendo da forma como o fez, depois da primeira fase da individualização do social, ela teve um efeito dramático. A coexistência, na era moderna da psicologia social, de duas perspectivas individualistas incompatíveis – a do observador e a do ator – não é favorável a uma ciência social. Estas são as abordagens da "consistência da resposta" e da "visão de mundo", no estudo das atitudes, para as quais Campbell (1963) chamou a atenção no contexto da moderna psicologia social.

A perspectiva da Gestalt tende a ser individualizante. Este é o caso do conceito de espaço vital psicológico do indivíduo de Lewin. É muito menos o caso da psicologia das relações interpessoais de Heider (1958). Ela se situa fora do período histórico estudado aqui. É interessante, entretanto, observar que Heider não pode usar o conceito de espaço vital psicológico de seu amigo Lewin, por ser demasiado individualista, como base de uma psicologia das relações interpessoais. Heider afirmou que era difícil representar o espaço vital de um indivíduo dentro do espaço vital de outro indivíduo, quando tratamos de relações sociais. Embora Lewin tenha produzido uma grande quantidade de pesquisas sobre a dinâmica de pequenos grupos, seu modelo de indivíduo (por exemplo, seu trabalho sobre a personalidade) curiosamente era não social. É quase como se ele empaticamente se colocasse no lugar da pessoa cujo comportamento estava tentando entender, ao invés de, como faz Heider, manter sua própria perspectiva sobre o outro. O modelo P – O – X (pessoa, outro, objeto) de Heider, é mais comportamental e mais explicitamente social do que o modelo de Lewin sobre o espaço vital psicológico do indivíduo.

Esta diferença nas formulações teóricas de Lewin e de Heider é importante em relação ao tema deste capítulo. As formulações de Lewin sobre o espaço vital psicológico do indivíduo são muito mais individualizantes do que a concepção da psicologia das relações interpessoais de Heider. Foi Lewin, muito mais do que Heider, que influenciou decisivamente o desenvolvimento da psicologia social experimental nos Estados Unidos no começo da era moderna. Ele instituiu a psicologia social como uma ciência cognitiva e experimental, da mesma forma que F.H. Allport, aproximadamente duas décadas antes, tinha-a instituído como uma ciência comportamental e experimental. Ambos individualizaram a psicologia social, tanto em termos de suas teorias, isto é, behaviorismo e psicologia da Gestalt, como em termos de sua metodologia, isto é, a experimentação.

A diferença, dentro da tradição da Gestalt, entre Lewin e Heider, aparece nesta citação de Heider:

Quando Lewin desenvolveu a psicologia topológica, tive no início grandes esperanças de que ela serviria como instrumento para a representação e análise dos fenômenos interpessoais. Entretanto, embora os conceitos da topologia tenham sido de grande ajuda para a compreensão das estruturas meio-fim subjacentes às ações de uma pessoa, eles eram pouco práticos e, em muitos casos, inadequados, para tratar com situações que envolvessem duas pessoas. É difícil ou impossível descrever, em termos topológicos, como o espaço vital de uma pessoa é representado no espaço vital de outra pessoa – como, por exemplo, o sentimento de A pode ser um objetivo para B, ou como A reage ao que B faz a ele (Heider, 1958, p. 14).

Wertheimer, na New School for Social Research de Nova Iorque, exerceu forte influência sobre Asch (figura 6.2), cujo livro-texto *Psicologia social* (1962) tornou-se extremamente influente ao longo da era moderna da psicologia social. Ele desempenhou um papel prototípico em relação a esta era, à semelhança do que o texto de 1924 de Allport representou nos anos entre as guerras. Constituiu-se nitidamente em uma elaboração da perspectiva da Gestalt e contribuiu substancialmente para a emergência de uma psicologia social cognitiva nos Estados Unidos durante a era moderna.

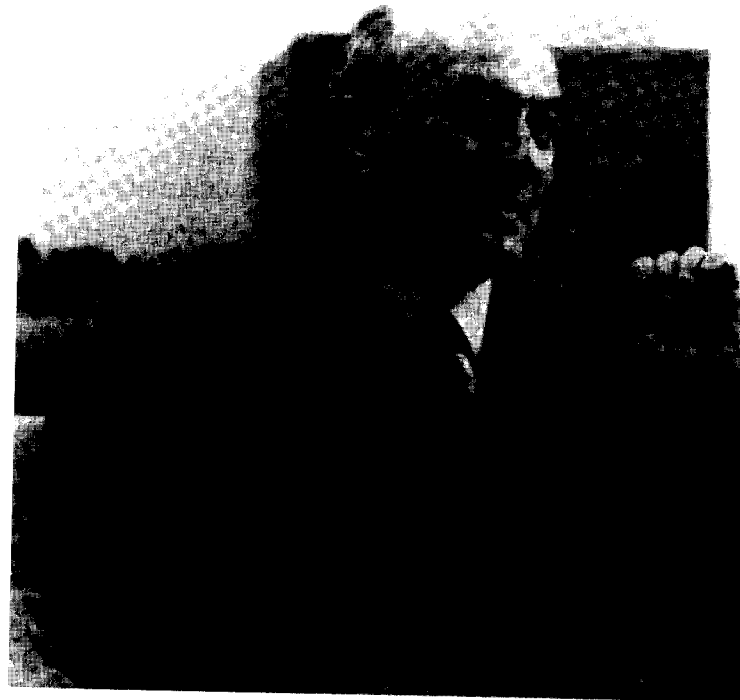


Figura 6.2: Solomon Asch, uma importante figura no que diz respeito ao surgimento da psicologia social cognitiva na era moderna.

O individualismo no período da Guerra Fria

Embora haja um forte contraste teórico entre Asch (1952) e Allport (1924), o que corresponde às diferenças nas perspectivas da psicologia da Gestalt e do behaviorismo, respectivamente, eles partilham uma representação comum do indivíduo. Este elemento comum do individualismo é parte da cultura americana. Já vimos anteriormente neste capítulo, que o mesmo se deu com os dois irmãos Allport, apesar de suas perspectivas teóricas bastante diferentes – cognitiva, no caso de G.W. e comportamental, no caso de F.H.

O individualismo como um valor cultural central também se evidencia na história da psicologia, e não apenas na história da psicologia social. Uma importante coleção de livros disponível para o historiador da psicologia moderna é a série *A History of Psychology through Autobiography*. Mais de sete volumes já surgiram até agora. Os editores destas obras parecerão familiares

aos leitores do presente livro. São Murchison, Boring e Lindzey. A idéia de que se pode escrever sobre história através de autobiografias é atraente e extremamente interessante, mas evidencia a importância do individualismo como valor cultural. Quando Luria, o eminente neuropsicólogo russo, escreveu para a coleção, ele o fez enfocando a história de seu laboratório, ao invés de elaborar uma autobiografia.

Se a psicologia social é uma disciplina específica, e acredito que seja, então ela deve ocupar-se do relacionamento entre o indivíduo e a comunidade (ou sociedade). Durante o período da Guerra Fria, o individualismo tornou-se a ideologia do ocidente e o comunismo a ideologia do leste. Este fato, acredito eu, levou a distorções grosseiras no desenvolvimento das ciências sociais em ambos os lados da antiga cortina de ferro. Quando tanto o indivíduo como a comunidade transformam-se em polo privilegiado, torna-se impossível equacionar o relacionamento entre indivíduo e comunidade. Agora que a guerra fria terminou, há necessidade de uma reavaliação conceitual, tanto no antigo ocidente como no antigo leste. Esta questão, entretanto, situa-se fora do período histórico estudado neste livro. No começo da era moderna da psicologia social nos Estados Unidos, que ainda se inclui em nosso âmbito, as atividades do Senador McCarthy tiveram realmente um efeito perceptível no desenvolvimento das ciências sociais. Penso que a história deste período ainda precisa ser escrita. Foi neste contexto (ver acima) que as ciências sociais acharam que era melhor serem conhecidas como ciências do comportamento. Esta é uma parte da história da individualização da psicologia social nos Estados Unidos durante a era moderna.

7. AS FORMAS SOCIOLÓGICA E PSICOLÓGICA DA PSICOLOGIA SOCIAL

No primeiro capítulo observei que existem poucas, se é que existem, ligações entre as formas sociológica e psicológica da psicologia social na era moderna. Isto é especialmente verdade para os Estados Unidos. Quando G.W. Allport caracterizou pela primeira vez, em 1954, o florescimento da psicologia social como um fenômeno tipicamente americano, pretendeu claramente incluir tanto as formas sociológicas como as psicológicas da disciplina. Quando Jones (1985) publicou seu breve artigo sobre a psicologia social estadunidense moderna, deu destaque às realizações do que ele via como a forma psicológica dominante na disciplina. Então, o que aconteceu durante a era moderna, entre estas duas datas? A resposta é simplesmente que a psicologia social floresceu no contexto de duas disciplinas bastante distintas (a saber, a sociologia e a psicologia), assumindo diferentes formas nos dois contextos.

A sociologia e a psicologia

A sociologia e a psicologia são, hoje, disciplinas distintas. Não foi sempre assim. A maioria dos teóricos cujos trabalhos foram mencionados no capítulo 3, por exemplo, escreveram tanto sobre o indivíduo como sobre a sociedade e a cultura. Isto inclui, entre outros, autores eminentes como Wundt, Durkheim, Freud, Mead e McDougall. Comte é apresentado como ancestral comum tanto da sociologia (Rosenberg e Turner, 1981) como da psicologia social (Allport, 1954). Houve muitos projetos de pesquisa conjunta entre sociólogos e psicólogos durante este período. Três ou quatro volumes da coleção *The American Soldier [O soldado americano]*, por exemplo, foram editados por sociólogos (ver capítulos 1 e 9). Estes livros abordavam, em primeiro plano, as pesquisas sociais e as mensurações das atitudes e a predição de comportamento. O volume editado por psicólogos (Hovland et alii, 1949) tratava de